



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

**SÃO FRANCISCO DE DIVINÓPOLIS: UMA ANÁLISE DA COSMOVISÃO
FRANCISCANA NAS OBRAS INICIAIS DE ADÉLIA PRADO
DE BRASÍLIA**

SÃO FRANCISCO DE DIVINÓPOLIS: AN ANALYSIS OF THE FRANCISCAN COSMOVISION IN THE
INITIAL WORKS OF ADÉLIA PRADO FROM BRASILIA

DOI: <https://10.5281/zenodo.14984674>

Envio: 16.08.2024 - Aceite: 08.11.2024

Carlos Alberto O. Neiva Jr

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG/UCSEH) e em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis. Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo programa de Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER/UEG).

RESUMO

O artigo examina a presença da cosmovisão franciscana nas obras iniciais de Adélia Prado, com foco nos livros *Bagagem* (1976) e *Coração Disparado* (1978). A pesquisa contextualiza a formação franciscana da poetisa e a influência de São Francisco de Assis em sua espiritualidade, ressaltando como elementos como a pobreza, a simplicidade e a valorização da natureza permeiam seus poemas. Por meio de uma análise literária e filosófica, o trabalho evidencia como a tradição franciscana e o ambiente cultural do cerrado mineiro contribuíram para a singularidade de sua produção poética. Assim, o estudo amplia a compreensão do impacto do franciscanismo na literatura brasileira contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Adélia Prado; São Francisco de Assis; Cosmovisão Franciscana; Literatura Brasileira; Espiritualidade.

ABSTRACT

This article examines the presence of the Franciscan worldview in the early works of Adélia Prado, focusing on the books *Bagagem* (1976) and *Coração Disparado* (1978). The study contextualizes the poet's Franciscan formation and the influence of Saint Francis of Assisi on her spirituality, highlighting elements such as poverty, simplicity, and the appreciation of nature in her poems. Through literary and philosophical analysis, the research demonstrates how Franciscan tradition and the cultural environment of the Brazilian *cerrado* shaped her unique poetic production. This study enhances the understanding of Franciscanism's impact on contemporary Brazilian literature.

KEYWORDS: Adélia Prado; Saint Francis of Assisi; Franciscan Worldview; Brazilian Literature; Spirituality.

INTRODUÇÃO

São Francisco de Assis é uma figura que encanta a muitos e que serve de inspiração literária a tantos outros. Herman Hesse, por exemplo, não só é encantado com o santo desde a juventude a ponto de escrever sobre ele, como admitiu ser influenciado por ele. Acontece que São Francisco não é só uma figura emblemática, ele é criador de uma forma de espiritualidade e fundador de uma Ordem religiosa. O santo de Assis não foi só encantador como pessoa, mas oferece toda uma cosmovisão própria. Essa cosmovisão muitas vezes influenciou criações literárias.

Baseado nisso, o presente trabalho se ocupará da influência de São Francisco de Assis, seja a sua figura, seja sua espiritualidade, seja todo o escopo que compõe o movimento franciscano, nas obras literárias iniciais de Adélia Prado.

Adélia Prado, poetisa mineira, é uma autora marcada pela sua religiosidade (CONCEIÇÃO, 2012). Tal religiosidade, porém advém dos anos intensos de ativa participação no meio franciscano de sua paróquia, em Divinópolis. Participação essa, aliás, que lhe levou a pedir admissão à ordem como membro terciário. Suas obras, e de uma forma mais marcante, *Bagagem* (1976) e *Coração Disparado* (1978) estão embebidas no franciscanismo. Como bem disse Carlos Drummond de Andrade sobre São Francisco: “Acho que no momento ele está ditando em Divinópolis os mais belos poemas e prosas a Adélia Prado.” (In: PRADO, 2015).

A presente pesquisa se debruçará sobre cada um dos poemas dos dois primeiros livros da poetisa para buscar compreender como ela foi influenciada por São Francisco de Assis, ao menos na sua fase inicial. Após essa pesquisa, talvez seja possível demonstrar que Adélia Prado, em seu contexto do interior mineiro, tenha absorvido os elementos mais rústicos do franciscanismo, por lhe serem mais próximos.

O objetivo desse trabalho é compreender como a imagem de São Francisco de Assis construiu uma cosmovisão no cerrado mineiro. Bem como tratar a imagem de São Francisco e o movimento franciscano quanto a sua influência na literatura; compreender os elementos da espiritualidade de Adélia Prado que transparecem em sua poesia; demonstrar como os elementos subjetivos da espiritualidade franciscana influem na arte literária e, da

mesma forma, como o espaço cultural influi na construção da espiritualidade; e estreitar os laços da arte literária, da filosofia e da espiritualidade, permitindo diálogos entre elas.

Esta pesquisa pretende compreender a noção de construções de cosmovisões, o que pode abrir para estudos de outros autores e com outras influências. E ainda mais, se configurará como uma importante abertura para o franciscanismo enquanto fonte e influência literária.

Para a realização do presente trabalho, faz-se necessário abordar a noção de franciscanismo, isto é, toda o vocabulário em volta da pessoa de São Francisco de Assis e sua espiritualidade. Esse vocabulário é apresentado por Jacques Le Goff (2001), que se faz imprescindível para tal estudo. Além disso, utilizar-se-á alguns escritos e comentários das obras do próprio santo, já no caso de Adélia Prado, há uma série de artigos e trabalhos acadêmicos que serão utilizados, como, por exemplo, o trabalho de Jaqueline Alice Cappellari (2013) sobre a percepção adeliana do cotidiano mineiro.

O presente trabalho vai tratar da formação franciscana recebida pela Adélia Prado e expor como esta se faz presente em suas obras, com destaque total para as duas primeiras: *Bagagem* e *Coração Disparado*.

Antes de iniciar uma análise precisa das obras selecionadas, é preciso compreender o que compõe a chamada “espiritualidade franciscana”. Ora, o movimento franciscano começou com o jovem Francisco, na cidade de Assis, no século XIII. Portanto, debruçar-se sobre a vida deste homem santo é essencial para compreender o legado que será construído pelo mesmo, bem como a impressão que este deixou nos autores que serão analisados nos capítulos posteriores. Como Francisco foi fundador de um movimento, buscar-se-á também compreender a história desse movimento, como este se encontra no Brasil e, finalmente, buscar a composição de um “vocabulário franciscano” para a compreensão dos componentes da espiritualidade e cosmovisão franciscana tão caras a análise do presente trabalho.

Existem centenas de biografias escritas narrando a vida, os feitos, os milagres e as ideias de São Francisco de Assis. De fato, pouquíssimas personagens históricas tocaram de tamanha forma o imaginário popular. Entretanto, a Igreja Católica teve algumas biografias

consideradas “oficiais”. A primeira é a do frei Tomás de Celano, biografia esta, na verdade, composta por duas biografias, escritas em momentos diferentes. Porém, ambas foram encomendadas pelo Vaticano e feitas com base nas memórias daqueles que conviveram com o santo. Já a segunda biografia “oficial” é a do frei bispo Boaventura. Todas essas biografias seguiam o estilo das “*legendas*” (isto é, das “lendas”) medievais. Gênero textual que visa exaltar as virtudes de um santo, bem como seus milagres e sua conversão para propô-lo como modelo a ser seguido por toda a cristandade.

A biografia do frei Boaventura (2016, p. 9), inclusive, foi feita com muito cuidado por parte do autor, como ele mesmo expressa: “[...] resolvi empreender este trabalho de reunir a coletânea mais completa possível dos relatos de suas virtudes, atos e palavras, fragmentos hoje dispersos ou esquecidos e que haveriam de perecer, infelizmente, se viessem a morrer aqueles que conviveram com o servo de Deus”. Entretanto, essa “honestidade intelectual” é julgada por estudos modernos, como Jacques Le Goff (2001, p. 54) discursa sobre um “São Francisco corrigido, mutilado e adocicado de São Boaventura”. A acusação, injusta ou não, tem um bom fundamento, pois Boaventura não esconde seus sentimentos amorosos para com o seu pai fundador: “[...] tenho uma dívida de gratidão para com meu Pai Francisco. Ainda me recordo perfeitamente que em minha infância fui salvo das garras da morte por sua intercessão e por seus méritos” (BOAVENTURA, 2016, p. 9).

Mas como exposto acima, essas biografias não foram as únicas a serem escritas sobre o Pobrezinho de Assis. “Em cada período da história [...] escritores famosos e pessoas simples procuraram reler e reinterpretar a vida deste ‘homem de Deus’, o seu pensamento e sua espiritualidade, a sua visão de mundo e compreensão de vida.” (VAMBOEMMEL In: CELANO, 2018, p. 7).

Justamente por isso faz-se mister expor os principais acontecimentos da vida do santo, observando como diferentes autores os destacam ou compreendem, porque esses episódios lendários são a base de tudo que comporá a cosmovisão franciscana. São os fatos narrados da vida de Francisco que comporão a temática daqueles que por ele são influenciados, afinal, o santo de Assis pouco escrevera para que seus textos influenciem. Por isso, os próximos parágrafos tratarão da vida do santo, assim, será possível ver quais

recortes os poetas analisados neste trabalho escolheram para compor em sua mente a cosmovisão franciscana, afinal, “[...] nas diversas biografias nos é apresentado um Francisco fragmentado sob enfoques diversificados – enfoques que divergem entre si pelo contexto diferenciado do autor, pela intenção e finalidade que cada escritor se propõe, com o risco até de alguma distorção” (TEIXEIRA, 2013, p. 15). E as linhas abaixo apresentarão os enfoques úteis para a análise que se seguirá nos próximos capítulos.

Francisco nasceu em Assis, em 1181 ou 1182. Seu nome inicialmente era *Giovanni di Pietro di Bernardone*, sendo depois chamado Francisco. Mas sobre esta questão há uma grande controvérsia. Alguns autores apontam que a mãe escolhera o primeiro nome, mas que o pai alterara o nome assim que chegara de viagem. Outros autores apontam para um batismo feito no primeiro nome, tornando o segundo nome uma espécie de apelido. As origens do nome “Francisco” também se divergem: alguns autores citam a admiração pela cultura francesa que o pai possuía, outros falam da admiração do próprio Francisco pela língua gálica. Em todos os casos, “Quando e por que o prenome Francisco, então ‘singular e inusitado’, substituiu o de João não se sabe.” (LE GOFF, 2001, p. 58).

Sendo Francisco um nome ou um apelido, o fato é que o infante era filho de um comerciante chamado Pietro di Bernadone dei Moriconi e da senhora Pica Bourlemont. Não era um rapaz bonito, ao menos não de beleza que o fizesse se sobressair. “São Francisco era homem de aspecto muito desprezível e pequeno no tamanho, e que por esse motivo passava por um vil pobrezinho para quem não o conhecia” (*Idem*, p. 105). Recebera desde o berço uma educação católica de uma Itália católica, mas sua vida não era muito diferente das dos inúmeros cristãos que compunham a Europa.

Vivendo sua vida burguesa, Francisco curtia uma juventude boêmia e confortável. Seu pai desejava que seguisse a carreira de comerciante de tecidos, mas Francisco ansiava em fazer-se cavaleiro. Acontece que esse “estilo de vida” tinha se tornado bastante popular naquele século, pois em 1905 o Papa Urbano II tinha convocado os cristãos ocidentais para as cruzadas, e Francisco vivera sua juventude entre a terceira e quarta expedição, sendo a terceira uma das mais célebres expedições, conhecida como a “Cruzada dos Reis”. (RUNCIMAN, 2002).

Apesar do sonho cavalheiresco, Francisco não pode ir à guerra por cair enfermo. Desde essa convalescência, começara a almejar à santidade e as primeiras atitudes que o fariam o Santo de Assis começaram a surgir. Entre todos os episódios, o encontro com o leproso é sem dúvidas o mais significativo. Francisco se encontrara com um leproso e esse causara-lhe repulsa pelas suas feridas. O jovem burguês então enfrenta seu instinto e beija as chagas daquele homem miserável. Esse episódio marca o início de tudo que significará o franciscanismo.

O beijo do leproso fez entrar na vida o tema da repugnância vencida, da caridade para com os que sofrem, a novidade de ter o corpo como irmão. Entrou também na vida de Francisco o serviço para os mais infelizes, para os mais pequeninos. (LE GOFF, 2001, p. 67).

Mas não é apenas esse episódio isolado que marca o processo de “conversão” de Francisco. O *Poverello* vai passar por algumas situações parecidas, como a que dá seu manto para um andarilho que encontrara. Esse episódio especialmente é fascinante, pois está ligado a um arquétipo forte para a espiritualidade medieval. Conta-se que São Martinho de Tours (316-397), um militar romano, viajava em seu cavalo quando um pobre lhe interpelou pedindo por uma esmola para que se esquentasse. Sem ter nada consigo, Martinho partira o próprio manto ao meio com uma lâmina e dera metade ao mendigo. Após o gesto caridoso, Martinho continuou sua viagem até ser interpelado em sonho pelo próprio Jesus Cristo, que lhe agradecia o gesto de caridade, usando a metade de seu manto, dizendo que tal gesto feito ao pobre fora feito a Ele mesmo. De fato, a história está de acordo com o discurso de Cristo registrado no capítulo 25 do Evangelho de São Mateus.

A narrativa de Francisco, tão semelhante à de Martinho de Tours, o coloca como um novo arquétipo de caridade. E ainda mais: como bem elucida, São Boaventura (2016), faz de São Francisco um modelo ainda mais perfeito, pois Martinho dera metade do manto, mas Francisco o dera inteiro.

As comparações de Francisco com outros grandes santos não param por aí. Não faltam insinuações de que Francisco, ao lado de Clara, formam os novos pais da vida religiosa, substituindo assim Bento e Escolástica, os pais fundadores do monarquismo

ocidental. (LE GOFF, 2001). O episódio da tentação de Francisco, onde o santo teria rolado nu na neve por sua vez, o coloca na condição de um novo Santo Antão, e, por fim, as narrativas sobre os estigmas e as narrações místicas envolvendo serafins colocam Francisco como um novo Cristo. Todos esses casos, sem entrar em nenhuma polêmica, servem para demonstrar como Francisco está intimamente ligado à tradição católica ocidental, ao mesmo tempo em que a renova completamente.

Não é em vão que Otto Maria Carpeaux (2018) defende um *Duocento* antes do *Trecento* ao falar do renascimento italiano. Antes que a renascença traga de volta os ideais clássicos, há muito perdidos após as invasões bárbaras durante o período da Idade das Trevas, o movimento franciscano reinterpretava todo o ideal da antiguidade cristã e o readaptava à sociedade mercantil que surgia. Francisco compusera o *Cântico do Irmão Sol* levando a língua italiana à língua literária antes que surgissem Petrarca, Boccaccio e Dante Aligheri. Por isso, Carpeaux (2018, p. 233) chama o poema/oração de Francisco de “epopeia do cosmo cristão” e complementa: “O santo também inspirou a poesia franciscana, verdadeira renovação da poesia litúrgica” (*Ibidem*). Complementando esse pensamento, Jacques Le Goff afirma: “Os historiadores do fim do século XIX e os do século XX fizeram coro e exaltaram a *modernidade* de São Francisco, iniciador do renascimento e do mundo moderno.” (2001, p. 102, grifos do autor).

É curioso observar como a conversão de Francisco não se dá de uma hora para outra, mas o ideal inédito que vai construindo em seu coração vai surgindo aos poucos. Esses episódios tão marcantes de sua vida vão construindo paulatinamente o santo que mudará a história da Igreja e da Europa. Vagarosamente se transformando do jovem burguês ao *Poverello*, a transformação chama a atenção de seus conterrâneos que pensavam que estava apaixonado por alguma moça da cidade. Os pais, por sua vez, começavam a se preocupar com o filho.

Os homens julgavam que ele quisesse casar-se e, interrogando-o, diziam: ‘Francisco, queres casar-te?’ Ele, respondendo, dizia-lhes: ‘Casar-me-ei com a mais nobre e mais bela esposa, como jamais haveis de ver, a qual pela beleza excede as outras e pela sabedoria supera a todas’. (CELANO, 2018, p. 27-28).

Após beijar o leproso e dar seu manto ao mendigo, Francisco vende toda a mercadoria de seu pai que estava consigo e doa todo o dinheiro. Após isso, vai viver em uma igreja, servindo na reparação dela. Esse episódio é famoso também devido a uma famosa lenda. Nesta igreja, a igreja de São Damião, o santo ouvira por três vezes de Cristo, crucificado em um belíssimo ícone, o imperativo: “Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas”. (BOAVENTURA, 2016, p. 19). Essa outra passagem reafirma mais uma vez a ideia de que Francisco é um renovador do pensamento cristão, um marco de retorno às fontes do cristianismo dos primeiros séculos. “Volta às fontes, porque não se pode esquecer finalmente que o franciscanismo é reacionário. Em face do século XIII, moderno, ele é a reação não de um inadaptado como Gioacchino ou Dante, mas de um homem que quer, diante da evolução, resguardar valores essenciais” (LE GOFF, 2001, p. 114).

Após tal episódio, Francisco abraça ainda com mais forças os ideais que surgem em seu coração. Tal atitude, porém, espanta os pais que “atribuíam à exinanição e à demência tudo o que ele fazia.” (CELANO, 2018, p. 30); e, de uma maneira especial, o pai, que fica furioso com a sandice do filho. A ponto de até mesmo o prender em casa. Não conseguindo devolver juízo ao filho, pede ao bispo da cidade que o ajude – buscando com este gesto a oportunidade de deserdar o filho que poderia dar toda sua fortuna aos pobres. O episódio é comovente, um filho sendo desprezado pelo próprio pai, ridicularizado por este na frente de todos. Na *Divina Comédia*, o fato é cantado por Santo Tomás de Aquino ao poeta que viaja pelos Céus: “Contra seu pai adolescente em guerra / Entrou por dama, a quem bem como à morte, / Ninguém a porta com prazer descerra” (ALIGHIERI, 2009, p. 411)³⁴.

Após a perseguição paterna, Francisco abandona por completo seu vínculo familiar. Arranca as roupas do corpo e devolve-as ao pai, ficando nu na frente de todos.

³⁴ Abraçou-se neste trabalho o modelo de referência da ABNT, entretanto, para textos clássicos com uma referência já consagrada, como a *Divina Comédia*, utilizar-se-á o padrão no corpo do texto e também a referência clássica no rodapé, possibilitando assim a melhor localização do trecho citado em suas vastas edições. Os versos em questão são encontrados no cântico do *Paraíso*, no canto XI, no verso 20.

E depois que foi conduzido à presença do bispo, não suporta delonga nem hesita a respeito de nada; não espera nem profere palavra, mas imediatamente, tendo deposto e atirado todas as vestes, restitui-as ao pai. Além disso, sem reter sequer os calções, desnuda-se totalmente diante de todos. E o bispo, percebendo a coragem e admirando muito o fervor e firmeza dele, levantou-se imediatamente e, acolhendo-o entre seus braços, cobriu-o com o manto com que estava vestido. (CELANO, 2018, p. 32).

Esse evento é talvez o ponto significativo da conversão de Francisco, pois após entregar suas vestes ao pai, passa a ser desnudado de tudo que pertencia à sua vida “secular”. Coberto pelo manto do bispo e depois vestido com uma túnica do jardineiro episcopal, o santo abraçava a pobreza completa. Entretanto, tal episódio não fora o bastante, ele foi assaltado logo após: “Vestido agora com andrajos aquele que outrora usava escarlate, ao caminhar por um bosque e cantar louvores ao Senhor em língua francesa, de repente ladrões caíram sobre ele” (CELANO, 2018, p. 33). E a coisa fica ainda mais radical, Francisco de desfaz de suas sandálias e passa a andar descalço. “[...] o santo, desde o início de sua vida religiosa até a morte possuiu estas riquezas: a túnica, o cordão e as roupas de baixo; e vivia contente” (BOAVENTURA, 2016, p. 67).

Esses diversos acontecimentos ajudam a construir o que é a pobreza para Francisco. O santo fizera da pobreza sua esposa, como cantado nos versos postos na epígrafe: “Com pobreza Francisco se casara / Dos dois santa união, ledos semblantes, / Seu terno olhar e afeto milagroso / Dão a todos lições edificantes” (ALIGHERI, 2009, p. 412)³⁵. De fato, o santo levava a cabo a resposta que dera aqueles que perguntaram se pensava em se casar. Francisco fez da pobreza, em pleno desenvolvimento econômico e surgimento da burguesia (que transformará Florença em potência, a menos de 200km dali), seu ideal de vida. “Francisco faz da Pobreza seu valor espiritual supremo, uma Senhora, uma Grande Senhora: é a *Domina Paupertas* [Senhora Pobreza], *Paupertas Altissima* [Pobreza Sublime].” (LE GOFF, 2001, p. 161).

Francisco, totalmente pobre, sem nada de material da sua juventude consigo, faz da pobreza sua esposa, sua dama, sua mãe. Esse “cortejar” da Senhora Pobreza, porém, está

³⁵ *Paraíso*, canto XI, 26

embebido em algo que Francisco parece não ter despido de sua vida “secular”. Sua fala e sua cosmovisão ainda estão embebidas do ideal cavalheiresco de seus tempos juvenis. O *Poverello* “[...] levará para sua nova vida as paixões da juventude: a poesia e o gosto da alegria – poesia e alegria que de profanas se farão místicas” (*Idem*, p. 62).

Após a morte do santo, seu corpo é enterrado onde hoje fica uma suntuosa igreja. E seu legado é transmitido através da imensa Ordem que deixa. E aqui está um ponto de muita atenção: Francisco criou um estilo de vida, seu estilo de vida juntou seguidores, Francisco chamou a atenção da Igreja e esta exigiu que uma bula, uma regra, organizasse o estilo de vida do ponto de vista canônico. “Francisco não desejou transformar seus companheiros em ordem, não pretendia reunir mais do que um pequeno grupo, uma elite que mantivesse um contraponto franciscano, uma inquietação, um fermento no mundo do bem-estar.” (LE GOFF, 2001, p. 115). Mesmo assim, escreveu uma regra e essa mesma regra foi refeita por ordem do papa.

Ou seja, Francisco claramente não desejava o movimento franciscano como ordem, e muito menos desejava fundar algo. A regra bulada, a única que ficou para a história se tornou a diretriz da Ordem dos Frades Menores, mas esses parecem ser bem diferentes do estilo de vida de Francisco, afinal, o santo era contrário aos seus frades morando em casas (conventos) minimamente luxuosos. “Mandava mesmo derrubar casas já construídas ou fazia sair delas os Irmãos, quando as considerava contrárias à pobreza evangélica por terem os Irmãos aceito a propriedade delas ou exagerado seu conforto.” (BOAVENTURA, 2016, p. 68).

É certo ainda que São Francisco tenha juntado as duas classes sociais medievais (clérigos e povo) sob seu hábito de pobreza, mas a situação o deixava desconfortável. De fato, seu objetivo era “[...] a supressão de uma das grandes barreiras da sociedade medieval, a que separa os clérigos dos leigos.” (LE GOFF, 2001, p. 151). Afinal, Francisco acreditava que os estudos eram contrários ao estilo de vida simples, pobre e humilde que buscava para si e seus irmãos. “Quem pretende chegar ao cume da pobreza deve renunciar não somente à prudência segundo o mundo, mas também às letras e às ciências; assim

despojado daquilo que ainda é uma forma de posse, proclamará o poder do Senhor e se oferecerá nu ao abraço do Crucificado.” (BOAVENTURA, 2016, p. 68).

E se Francisco tinha trazido aos leigos a possibilidade da vivência do Evangelho de uma maneira mais radical, também tinha criado uma nova forma de se viver o sacerdócio. Os padres franciscanos não teriam posses, o que inclui livros. Francisco gostaria que todos seus irmãos fossem simples.

Parece que São Francisco teve no mínimo desconfiança em relação aos eruditos, porque considerava a ciência uma forma de posse, de propriedade, e os doutos como uma espécie particularmente terrível de poderosos; mas seu respeito pelo clero em geral fazia com que englobasse nessa reverência seus membros que eram eruditos. (LE GOFF, 2001, p. 159).

Toda essa revolução trazida por Francisco era, no mínimo, problemática para a Igreja. Afinal, a lei canônica diz que apenas um clérigo tonsurado pode pregar o evangelho (fato esse que mudará apenas nove séculos depois, com o Concílio Vaticano II). Com isso, a Igreja buscou organizar o movimento que Francisco começara. O primeiro passo foi fazer de Francisco um clérigo, ordenando-o como diácono. “Francisco, que oficializava como diácono, cantou o Evangelho” (BOAVENTURA, 2016, p. 105). O segundo passo foi transformar o grupo em uma ordem religiosa. Daí a necessidade de se criar uma regra, um documento canônico com as diretrizes do modo de vida da vivência do evangelho (pobreza, obediência e castidade).

Acontece que para se haver padres na ordem, é preciso que haja estudo. Mas Francisco resistia bastante à situação. Francisco entendia que os padres eram diferentes dos leigos e que esses eram necessários à Igreja. “Francisco sempre respeitou o sacerdócio e a hierarquia eclesiástica. No testamento de Sena ele lembra seus irmãos: ‘que se mostrem sempre fiéis e submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa madre igreja’”. (LE GOFF, 2001, p. 213). Sem os padres, não haveriam os sacramentos, então Francisco nunca quis igualar as duas classes da Igreja a ponto de erradicar o ministério ordenado, mas a ideia de que esses tivessem uma cultura letrada o incomodava, pois acreditava que isso diminuiria a simplicidade cristológica que o *poverello* almejava para os seus. “É porque

distingue criteriosamente clérigos e leigos que ele tem necessidade dos primeiros e fica na Igreja.” (*Idem*, p. 112).

Francisco era um homem letrado e conhecia bem as escrituras, dominava bem o francês, além do italiano e latim, mas não era um teólogo ou filósofo. “Durante toda a vida, manejou a pena com muito esforço e sem prazer.” (HESSE, 2019, p. 17). Seu contato com a patrologia³⁶ e a patrística parecia ser raso, e seu contato com a filosofia platônica era menor ainda.

Mas o que Francisco pensava para os seus irmãos não se concretizou nem com o santo ainda vivo. Sua regra foi reestruturada para adequar às exigências da Igreja, o que deixou a comunidade bem mais próxima de uma ordem de cavalaria (Francisco é coetâneo das cruzadas) e o santo criou uma brecha para que seus frades estudassem, pois havia ele conhecido o taumaturgo Santo Antônio de Pádua, um homem erudito que conseguiu trilhar o caminho da humildade. Francisco então escreveu uma carta possibilitando o estudo de seus frades, porém “não há segurança quanto à autenticidade da carta de Francisco a Antônio sobre a qual repousa essa hipótese.” (LE GOFF, 2001, p. 85).

Eu, Frei Francisco, [desejo] saúde a Frei Antônio, meu bispo.
Apraz-me que ensine a sagrada Teologia aos irmãos, contanto que,
nesse estudo, não *extingas o espírito* (cf. 1Ts 5, 19) de oração e devoção,
como está contido na Regra.

(FRANCISCO *In*: TEIXEIRA, 2013, p. 49).

Próximo da morte, Francisco escreveu ainda um testamento, no qual buscava deixar suas considerações finais e seu último esforço para que a ordem seguisse o que ele havia planejado para ela. “Pertencendo ao gênero literário dos ‘discursos de adeus’, o Testamento, sob a narração (recordações comunitárias) e de exortações-admoestações, repropõe sinteticamente e quase integralmente (somente dois capítulos ficam fora, o quarto sobre o dinheiro e o décimo primeiro sobre a guarda da castidade) o conteúdo da

³⁶ “Em 196 citações bíblicas nos escritos de São Francisco, não há mais do que 32 citações veterotestamentárias (nove das quais de Salmos) para 164 neotestamentárias (115 das quais dos Evangelhos). As autoridades citadas são Santo Agostinho (uma vez) e São Jerônimo (uma vez)” (LE GOFF, 2001, p. 131).

Regra.” (CONTI, 2004, p. 100). O que Francisco não imaginava era que o movimento franciscano passaria por diversas mudanças.

O Testamento, provavelmente escrito em Sena durante o inverno de 1225-1226, é um texto capital. Francisco quis fazer dele um complemento da Regra e dar-lhe do mesmo modo força de lei na Ordem, o que o papa Gregório IX apressou-se a anular a partir de 1230 com a bula *Quo elongati*. Francisco parece ter buscado nele reintroduzir um certo número de princípios e prescrições que tinham sido retirados ou suavizados na Regra de 1223. (LE GOFF, 2001, p. 97).

Com o advento das universidades, os franciscanos assumiriam um papel importante na escolástica. São Boaventura foi um grande representante da escolástica, rivalizando com Santo Tomás de Aquino (dominicano). Enquanto os dominicanos passaram a seguir uma linha aristotélica, graças à redescoberta do Estagirita por Santo Alberto Magno e seu aluno Santo Tomás de Aquino, os franciscanos seguiram uma linha platônica e agostiniana. Tal fato gerou a famosa rivalidade entre as duas ordens. Na *Divina Comédia*, Dante canta no Paraíso as figuras de Tomás de Aquino e Boaventura em harmonia, e Tomás louva São Francisco enquanto Boaventura, São Domingos de Gusmão. O trecho desse louvor foi apresentado na epígrafe desta introdução. No céu não há contendidas, e a rivalidade dessas duas ordens mendicantes ficam para a *disputatio* medievais. Assim, “[...] a Ordem do Poverello de Assis se viu como que compelida a participar da vida acadêmica da mais célebre das universidades, e a que se equipar para uma tarefa inteiramente estranha às cogitações do seu fundador.” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 414).

Após o platonismo adentrar o franciscanismo, outros pensamentos serão englobados, como os de Joaquim de Fiore. “As elucubrações escatológicas heréticas dos Espirituais saíram de Giocchino da Fiore, não de Francisco.” (LE GOFF, 2001, p. 111)³⁷.

Os frades franciscanos vão abraçando uma cultura letrada e uma linha teológica forte na Igreja, o suficiente para produzir intelectuais de peso como Duns Scotus, Roger Bacon e

³⁷ E ainda: “Da forja cisterciense sai Joaquim de Fiore, cuja doutrina espiritualista das ‘três idades’ (a do Pai, a do Filho, a do Espírito Santo) se prolonga até no século XIII e seduz os ‘espirituais’ franciscanos. A presença de Platão supera a de Aristóteles.” (SPINA, 207, p. 77).

Raimundo Lúlio. “Enfim, com um Roger Bacon, um Raimundo Lúlio, não há mais contradição entre uma ciência total e a mais ardente espiritualidade franciscana.” (LE GOFF, 2001, p. 219).

Mas o franciscanismo se anexou muitos pensamentos mais ao seu movimento, e no século XX, a filosofia marxista adentrou os conventos para criar a Teologia da Libertação. Esse movimento, iniciado a partir de várias lideranças clericais, encontrou no meio franciscano um profícuo espaço de desenvolvimento. No Brasil, a teologia da libertação encontrou nos frades de Petrópolis-RJ uma representação firme. É desse meio que surge Leonardo Boff, por exemplo.

A Igreja Católica – por meio da Congregação da Doutrina da Fé – condenou a teologia da libertação. “Tal posição deve-se a uma concepção segundo a qual a teologia, ao invés de partir da Revelação de Deus e depois pautar todas as realidades, deveria primeiro ver a realidade social, a miséria humana e, somente depois, referir-se a Deus.” (COSTA, 2020, p. 178). Mas essa não desapareceu de todo, vindo a instalar-se na ala progressista da Igreja, dentre à qual se encontra boa parte da ordem franciscana.

É verdade que desde as origens, mais acentuadamente porém nestes últimos anos, o pensamento marxista se diversificou, dando origem a diversas correntes que divergem consideravelmente entre si. Na medida, porém, em que se mantêm verdadeiramente marxista, estas correntes continuam a estar vinculadas a um certo número de teses fundamentais que não são compatíveis com a concepção cristã do homem e da sociedade. (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ *In*: AQUINO, 2003, p. 37).

Ora, Francisco amava a pobreza, buscava erradicar a diferença entre as classes sociais. “Francisco rompia, discreta mas profundamente, o laço estreito que existia então entre o estado religioso e a condição senhorial.” (VAUCHEZ, 1995, p. 127). O santo dava importância aos oprimidos e marginalizados, mas de maneira alguma pode ser considerado um marxista. Afinal, “[...] o materialismo histórico, profundamente ateu, de Karl Marx (1818-1883) não permite que a autonomia do homem socialista e sua autossuficiência, gerada a partir do trabalho, deixem lugar para Deus, tampouco, conseqüentemente, para

um Jesus que seja Deus.” (COSTA, 2020, p. 175). São Francisco não era materialista e muito menos tinha planos para a alta cúpula romana. O pobrezinho de Assis não pode ser acusado de ser marxista sem que se caia em um enorme anacronismo. “O pessimismo político de São Francisco, que foi marcante, afastava de seu vocabulário qualquer enquadramento linguístico do tipo político.” (LE GOFF, 2001, p. 165-166).

Mesmo sendo diferente do que Francisco desejara, mesmo embecendo-se de platonismo agostiniano, mesmo abraçando heresias espiritualistas ou materialistas, mesmo assim o movimento franciscano manteve em seu escopo algumas características marcantes de seu fundador. Essas características povoam o imaginário e criam um verdadeiro franciscanismo que inspira não somente os frades, mas diversos autores, como os dois que serão abordados nos capítulos a seguir. Tais características formam um “vocabulário franciscano” como apontado por Jacques Le Goff. Desse vocabulário fazem parte a pobreza, a caminhada, a simplicidade de estilo, a alegria, a natureza, os pequeninos e, é claro, a paternidade divina, pois todos são irmãos apenas por serem filhos do mesmo Deus.

A pobreza é sem dúvidas o que há de mais importante no franciscanismo e o que mais chama a atenção em Francisco. “Sabei, Irmãos, que a pobreza é o caminho mais seguro para a salvação, como fundamento que é da humildade e raiz de toda perfeição” (BOAVENTURA, 2016, p. 68). Na época em que o dinheiro começa a ganhar importância e a construir as grandes famílias que comandarão a Itália nos próximos séculos, Francisco prega veemente sua mais forte repulsa ao dinheiro. “O Pobre de Assis execrava particularmente o dinheiro, no qual via a raiz das discórdias e do ódio.” (VAUCHEZ, 1995, p. 128). Ele queria que os seus fossem pobres. Essa pobreza radical é a base da mendicância de sua ordem, que promoveu a base de seu pensamento. Afinal, os religiosos não viviam mais afastados em mosteiros e eremitérios, mas em plena cidade, chamando atenção pela sua forma de cristianismo radical. Do ponto de vista institucional, a originalidade fundamental dos Frades Menores [...] reside em sua vontade de levar uma vida pobre e errante, a exemplo de Cristo e dos apóstolos, que se traduziu por uma recusa de possuir bens, não só individualmente – o que já era o caso dos monges – mas também em comum. (Idem, p. 127).

O franciscanismo, portanto, louva a simplicidade: os pobres, os miseráveis, as crianças, os parvos, os mendigos. Tudo que há de sem valor aos olhos dos demais, Francisco cobre de beleza. “[...] como verdadeiro poeta, ele conseguia livrar todas essas coisas do encanto que o pecado e a insensatez sobre elas pousaram, revelando-as em sua beleza pura e original diante de nossos olhos.” (HESSE, 2019, p. 29). O estilo franciscano passa, assim, a louvar o rústico, o comum, a beleza ordinária que estava velada diante do olhar de todos.

Não é permitido a um frade mendicante – franciscano ou dominicano – andar montado em uma besta. Sua pobreza os leva a caminhar e, seguindo o conselho evangélico, os frades são organizados em duplas. “Os Franciscanos estão a maior parte do tempo *in via*, ‘na estrada’.” (LE GOFF, 2001, p. 189). Essas duplas peregrinam, ora estão no espaço urbano, pregando, ora voltam para o espaço bucólico, onde recuperam suas forças espirituais. Esse ir e vir em caminhada cria uma dicotomia essencial ao franciscanismo: cidade-natureza, pregação-oração, discípulo-missionário. “O espaço de Francisco e dos primeiros franciscanos é em primeiro lugar a respiração, a alternância cidade/solidão, conventos/eremitérios” (Idem, p. 188).

Francisco também é o responsável por colocar novamente Cristo nos eixos. A Igreja, vendo-se sucessora dos apóstolos, há muito focara-se na visão clerical e deixava uma busca cristológica em segundo plano. Francisco muda isso colocando a imitação radical de Cristo como prioridade, devolvendo à espiritualidade católica um cristocentrismo que via se perdendo.

Outra famosa característica do franciscanismo é o amor pela natureza e pelos animais. O próprio Papa Francisco nomeou sua encíclica ecológica com os dizeres da oração de São Francisco. Francisco via a toda criação como irmãos, filhos do único Deus cristão. Isso o levava a buscar recolhimento sempre entre a natureza, e diversos episódios de Francisco com animais são contados – a águia que o acordava para rezar, o lobo que ele domesticou, os pássaros que vieram participar de seu louvor e outros episódios. “Como uma criança e como um sábio, ele falava com as flores, a relva, as águas e inúmeros animais, entoava cânticos em louvor a eles, amava-os e consolava-os alegrava-se com eles e

participava de sua vida inocente.” (HESSE, 2019, p. 38). O santo chamava a si mesmo de “irmão asno”.

Se Francisco via a todos como irmãos e buscava imitar o primogênito de Deus Pai, Jesus Cristo, não faltava alegria ao santo. “A alegria de Francisco, como emerge do dito sobre a perfeita alegria, é uma alegria pascal que nasce do sentir-se ‘livre’ em Cristo e que não é sufocada pelas provas da vida.” (CONTI, 2004, p. 71). Muitos escritos sobre Francisco o mostram como alguém alegre e, até mesmo, divertido “[...] abundam textos que mostram Francisco *hilaris, hilari vultu* [‘alegre, com o rosto alegre’].” (LE GOFF, 2001, p. 228). Conta-se que entre os seus seguidores haviam um tipo de artistas circenses (saltimbancos, para evitar a imprecisão histórica do termo). “Entre os seus primeiros discípulos, alguns se recrutaram, aliás, entre os saltimbancos que frequentavam as cortes aristocráticas, como o irmão Pacífico, ‘príncipe dos poetas’ da Marche de Ancona e ‘mestre-de-canto nobre e cortês.’” (VAUCHEZ, 1995, p. 131). Pode parecer bobagem, mas a espiritualidade cristã monástica medieval, portanto, clerical, via o riso como algo nada cristão, vendo na comédia uma atitude de pessoas que não se disciplinaram. O riso e as brincadeiras eram vistos como pueris e distantes da vivência da fé. É Francisco um dos responsáveis por mudar isso. “Toda a alegria interior de que Francisco está repleto transparece pelas múltiplas exortações que dirige aos frades para ajudá-los a ser sempre alegres no Senhor” (CONTI, 2004, p. 71). O franciscanismo encerra na alegria sua última e fundamental dicotomia: pobres e miseráveis, mas perfeitamente felizes.

Propondo como programa um ideal positivo, aberto ao amor de todas as criaturas e de toda a criação, enraizado na *alegria* e não mais na *accedia* mal-humorada, na tristeza, recusando-se a ser monge ideal da tradição dedicada a *chorar*, ele abalou a sensibilidade medieval e cristã e reencontrou um júbilo primitivo, depressa abafado por um cristianismo masoquista. (LE GOFF, 2001, p. 114, grifos do autor).

Feita essa explanação sobre a figura de análise nas obras de Adélia Prado, passa-se agora a uma análise da influência de Francisco em sua vida e seus escritos.

A FORMAÇÃO FRANCISCANA DE ADÉLIA PRADO

Partindo para a análise da forma como a poética franciscana adentra a obra de Adélia Prado, iniciar-se-á por uma análise da vida da poetisa, mostrando sua relação para com o movimento franciscano e sua vivência no cerrado. Essa etapa será dividida em dois momentos: sua vida e sua espiritualidade. Em seguida, buscar-se-á uma análise de suas duas obras selecionadas: *Bagagem* (1976) e *Coração Disparado* (1978), que estão permeadas mais claramente pela influência franciscana.

Antes de apresentar a obra de Adélia Prado, é preciso entender alguns aspectos de sua vida, em seguida, compreender como a espiritualidade franciscana faz parte de seu cotidiano.

Adélia Luzia Prado Freitas, mais conhecida como Adélia Prado, nasceu no cerrado mineiro, em Divinópolis³⁸, no dia 13 de dezembro de 1935. Filha do ferroviário João do Prado Filho e da dona de casa Ana Clotilde Corrêa, a autora teve uma infância calma e tranquila, tipicamente interiorana, e, por isso, marcada pela devoção popular de sua família católica devota. Já desde então a espiritualidade popular se fez presente em seu cotidiano, com orações familiares e celebrações litúrgicas, proporcionando um alicerce sólida para sua futura relação com a Igreja. Seu primeiro contato com produção poética se deu aos oito anos, quando uma catequista sugeriu que os catequisando escrevessem versos religiosos.

Adélia aprende a escrever no Grupo Escolar Padre Matias Lobato e vai concluir seus estudos no Ginásio Nossa Senhora do Sagrado Coração. Nesse período ginásial, a autora perde sua mãe e se põe a escrever versos. Ela conclui o magistério em 1953, na Escola Normal Mário Casassanta, e começa a lecionar em 1955, no Ginásio Estadual Luiz de Mello Viana Sobrinho.

³⁸ A cidade de Divinópolis, na região Oeste de Minas Gerais, está no bioma do cerrado. Segundo o site oficial da Prefeitura de Divinópolis: “A vegetação predominante no município de Divinópolis é a do cerrado, caracterizada pela existência de um estrato arbustivo com árvores espaçadas, retorcidas, em geral dotadas de cascas grossas e suberosas (consistência semelhante a cortiça) e de raízes profundas, e pela existência de um estrato herbáceo-graminoso. Entretanto, o campo cerrado encontra-se, em grande parte, degradado pela atividade pastoril, que no município é praticada de forma extensiva”. Disponível em: <https://www.divinopolis.mg.gov.br/portal/servicos/1003/geografia/> Acesso em: 17 de maio de 2023.

Três anos depois, casa-se com José Assunção de Freitas, funcionário do Banco do Brasil S.A. Dessa união nasceram cinco filhos: Eugênio (em 1959), Rubem (1961), Sarah (1962), Jordano (1963) e Ana Beatriz (1966). Antes do nascimento da última filha, a escritora e o marido iniciam o curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis.

Adélia Prado se forma em Filosofia em 1973, em Belo Horizonte, tendo perdido também seu pai em 1972. Sua orfandade vai marcar profundamente sua obra, sobretudo seus primeiros livros. Após formar-se, envia carta e originais de seus novos poemas ao poeta e crítico literário Affonso Romano de Sant'Anna, que os submete à apreciação de Carlos Drummond de Andrade. Nesse período, a autora também teve um papel ativo na comunidade católica em Divinópolis, ela participou de grupos de estudo bíblico, movimentos de leis e outras atividades pastorais.

Em 1975, o seu livro cai nas mãos de Carlos Drummond de Andrade, que divulga sua obra em uma crônica intitulada *De animais, santo e gente*, no Jornal Brasil, no dia nove de outubro. Assim, seu livro é publicado em 1976, trata-se de *Bagagem*. No lançamento de sua obra, estão presentes Antônio Houaiss, Raquel Jardim, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Juscelino Kubitschek, Affonso Romano de Sant'Anna, Nélida Piñon e Alphonsus de Guimaraens Filho, entre outros.

Dois anos depois, a autora lança *Coração Disparado* (1978), que recebe o Prêmio Jabuti. A partir de então a autora terá uma fértil produção, até que, em 1987 é acometida por uma depressão que bloqueará sua produção poética até 1994, com o lançamento de *O homem da mão seca*, após a autora ter buscado ajuda médica. Ela descreve esse período como um deserto espiritual ou uma aridez da alma. Esses termos têm ligação com o vocabulário carmelita, remetendo a São João da Cruz e Santa Teresa de Lisieux, respectivamente.

Ainda atualmente, Adélia Prado vive em Divinópolis, onde participa das missas em sua paróquia e escreve trabalhos diversos de tempos em tempos. Sua relação com a Igreja Católica não se limita apenas a sua vida pessoal e à sua poesia. Ela também foi reconhecida e celebrada pela comunidade católica por suas contribuições literárias e sua capacidade de

transmitir questões espirituais por meio da palavra escrita. Sua poesia, muitas vezes permeada de referências religiosas e reflexões teológicas, atraiu um público amplo e diversificado, incluindo aqueles que se identificam com sua fé católica e também aqueles que apreciam apenas sua habilidade artística e sua abordagem poética única.

Não é segredo que a autora tem a fé católica com um papel central em sua vida e em sua escrita. Adélia Prado encontrou inspiração nas Escrituras Sagradas, nas histórias dos santos e nos rituais e sacramentos da Igreja. Em muitos de seus poemas, ela expressa uma relação íntima com Deus, explorando temas de redenção, amor divino e a presença do sagrado no mundo ordinário. Sua poesia é marcada por uma fusão de elementos religiosos e cotidianos, em que a espiritualidade se entrelaça com a experiência humana comum. No entanto, é o franciscanismo quem marcará toda sua jornada religiosa, ao menos inicialmente, já que sua poética pós seu período de depressão possuirá uma marcação mais pautada pelo movimento carmelita e pelo monarquismo.

Quando a autora nasceu, já haviam onze anos de uma forte presença dos franciscanos em Divinópolis. Na época, o frei Hilário Verhey, OFM³⁹, mudara-se para Divinópolis a fim de assumir a Paróquia do Divino Espírito Santo – igreja que dá nome à cidade – criada em 1914, até então a única existente na cidade. Ao frade juntaram-se outros frades franciscanos, vindos diretamente da Holanda. Juntos, eles abraçaram a missão de construir uma nova igreja para a cidade.

Em 1931 (faltando quatro anos para o nascimento da Adélia Prado), sob o projeto de Frei Ladislau Bax, OFM, foi construído um enorme prédio na esquina da Avenida 21 de Abril com a Rua Minas Gerais (no número 582), destinado a ser o Convento de Santo Antônio⁴⁰, que também abrigaria o Comissariado e a Faculdade Teológica. Ali foram formados frades franciscanos mineiros, mas também seriam formados diversos leigos. Ao lado do convento, foi construída uma igreja dedicada a Santo Antônio, da qual viria a participar a poetisa com sua família. A capela Santo Antônio seria concluída em 1939 e

³⁹ Todas as informações de nomes de frades e datas foram retiradas do próprio site da diocese de Divinópolis. Disponível em: <https://diocesedivinopolis.org.br/conteudo/ordem-dos-frades-menores-franciscanos-divinopolis/> Acesso em: 17 de maio de 2023.

⁴⁰ Hoje em dia, o prédio funciona como o Centro Franciscano de Formação e Cultura hospedando pessoas em viagens de lazer ou negócios e também sediando eventos ou convenções.

transformadas em paróquia apenas em 1944. Nesse ínterim, os franciscanos criariam diversos serviços destinados ao laicato, como Ordem Terceira, Pia União de Santo Antônio, Liga Católica, Apostolado da Oração, Filhas de Maria, Sociedade de São Vicente de Paulo, Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, Cruzada Eucarística, Círculo Operário, Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Franciscana (JF), Movimento Familiar Cristão (MFC), Servas do Santuário, Legião de Maria, entre outros. A relação de Adélia Prado com o santo taumaturgo fica evidente no poema “Responsório”, em *O Pelicano* (1987).

Santo Antônio,
 procurai para mim a carteira perdida,
 vós que estais desfadigado,
 gozando junto de Deus a recompensa dos justos.
 Estão nela a paga do meu trabalho por um mês,
 documentos e um retrato
 onde apareço cansada, com uma cara
 que ninguém olhará mais de uma vez
 a não ser vós, que já em vida
 vos apiedáveis dos tormentos humanos:
 sumiu a agulha da bordadeira,
 sumiu o namorado,
 o navio no alto-mar,
 sumiu o dinheiro no ar.
 Tenho que comprar coisas, pagar contas,
 dívidas de existir neste planeta convulso.
 prometo-vos uma vela de cera,
 um terço de meu salário
 e outro que rezarei
 pra entoar vossos louvores, ó Martelo dos Hereges,
 cuja língua restou fresca
 entre vossos ossos, intacta.
 Servo do Senhor, procurai para mim a carteira perdida
 e se tal não aprouver a Deus para a salvação da minha alma,

procurai antes me ensinar
 a viver como vós,
 como um pobre de Deus.
 Amém!
 (PRADO, 2017, p. 240).

A autora e sua família viveram e cresceram nesse meio, seu próprio irmão veio a tornar-se frade, o frei Marciano (Antônio) do Prado, enquanto Adélia Prado ingressou na

ordem terceira. Os franciscanos ainda trabalharam com a publicação de diversos jornais como o jornal “A Semana” e o jornal “Presença Seráfica”, sendo que esse primeiro contou diversas vezes com a participação de Adélia Prado, que publicava seus poemas sob o pseudônimo “Franciscana”.

Por estar ligada fortemente aos franciscanos, Adélia Prado foi inclinada para a linha progressista do catolicismo. Nos anos 1970, o movimento franciscano se relacionou fortemente a então surgida Teologia da Libertação (TL), o maior nome desse movimento no Brasil era exatamente um frade menor conhecido como Leonardo Boff, que foi advertido e repreendido pela Congregação da Doutrina da Fé em 1984⁴¹, vindo a abandonar a ordem franciscana e o sacerdócio em 1992. Em uma entrevista para o programa Roda Viva⁴², Adélia Prado comenta ter ficado com raiva da atitude da Igreja, em especial da atitude do prefeito da congregação, o cardeal Joseph Ratzinger, que mais tarde se tornaria Bento XVI, vindo a compreender tudo depois:

O Ratzinger (...) quando houve aquela história com o Leonardo Boff, fiquei com raiva do Ratzinger, porque eu estava plenamente enfrontada com a Teologia da Libertação, a gente tinha grupos de estudos da Teologia da Libertação e eu fiquei danada com ele (...). Mas depois que ele foi papa, parece que eu entendi tanto ele, sabe? Entendi e comecei a admirar (...). Depois eu entendi [a condenação ao frei Boff], ele, com aquela cabeça, naquela situação, eu acho que ele achou que era uma coisa perversa que o Catolicismo ia afundar no comunismo, no socialismo, aquela coisa toda. E, de fato, a Teologia da Libertação teve uma conotação muito fortemente política que, em certo momento, desviou a assembleia dos crentes do sagrado. A própria interpretação do Vaticano II que falou “Vamos levar a Igreja até o povo”, nós estamos padecendo com isso até hoje, porque foi uma má interpretação disso, botou no vernáculo, a liturgia passou para o português (...). Nós copiamos os evangélicos no que eles têm de pior.

No entanto, essa fala dela é de 2014, uma autora totalmente diferente. Como dito anteriormente, Adélia Prado parece ter seguido um percurso espiritual que ficou bem

⁴¹ Nesse mesmo ano, a Congregação para Doutrina da Fé emitiu um documento condenando a Teologia da Libertação, a *Libertatis nuntius*, no ano seguinte, condenou a obra *Igreja: Carisma e Poder* (1981) de Leonardo Boff publicamente e, no ano posterior, lançou novo documento contra a TL, a *Libertatis Conscientia*. Todos esses documentos se encontram públicos e em português no *site* oficial do Vaticano.

⁴² Entrevista feita no dia 24 de março de 2014 no Programa Roda Viva da TV Cultura, disponível em: <https://youtu.be/6E2afhdOogI> de 42min18 a 44min25.

grafado em suas obras. E, mais tarde, sua decepção com a TL poderia ser a responsável por seu afastamento da espiritualidade franciscana e aproximação de outras formas de espiritualidades católicas.

O FRANCISCANISMO NA OBRA DE ADÉLIA PRADO

Adélia Prado (2017, p. 13) inicia sua primeira obra com uma clara referência franciscana, uma paráfrase da oração de São Francisco do *Cântico das Criaturas*, também chamado de *Cântico do Irmão Sol*.

Louvai o Senhor, livro meu irmão, com vossas letras e palavras, com vosso verso e sentido, com vossa capa e forma, com as mãos de todos que vos fizeram existir, louvai o Senhor. (Da imitação do “Cântico das criaturas” de São Francisco de Assis, a quem devo a graça deste livro).

A referência é bastante direta.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.

A ti só, Altíssimo, se hão de prestar e nenhum homem é digno de te nomear.

Louvido sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia.

E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas, e belas.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite, e ele é belo e jucundo e robusto e forte.

Louvido sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.

Louvido sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvido sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.

Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade. (TEIXEIRA, org., 2013, p. 46-47).

Porém, há uma coisa interessante no fazer uma ligação com a obra de Francisco para louvar os livros, dado que este era adverso a intelectualidade. O santo considerava a intelectualidade como uma posse que contrariava a mais plena pobreza e só chegou a permitir que seus frades estudassem teologia no fim da vida, por confiar em Santo Antônio de Pádua como modelo de intelectual pobre humilde (LE GOFF, 2001). Ele mesmo não escrevera tanto: “São Francisco não escreveu muito. Mesmo se tivéssemos a primeira Regra, as cartas e os poemas perdidos, todas as suas riquezas caberiam num pequeno volume.” (Ibid., p. 92). Francisco não louvaria os livros e talvez não os chamaria de irmãos, mas Adélia Prado, como muitos influenciados por São Francisco, o retrabalha segundo seu contexto. E o que é retrabalhado? Sobre isso fala Otto Maria Carpeaux, que chama o poema de epopeia do cosmo cristão: “Não existe poema mais universal. Mas não pretende exaltar o Universo, e sim chama-lo à adoração.” (CARPEAUX, 2018, p. 233).

O *Cântico das criaturas* estabelece uma forma de fazer poético franciscana. Uma poesia que tematiza aspectos comuns, como Francisco faz com o sol, a lua, a água, o fogo, o vento, o ar, a terra etc. Entretanto, a postura do eu-lírico é de adoração à Deus, o que insere a linguagem do texto litúrgico na poesia. O abismo que separava a linguagem religiosa da linguagem mundana é rompido com Francisco e o movimento franciscano. “Sabe-se a importância de São Francisco com o *Cântico di Frate Sole* e de Jacopone da Todi com suas *Laude* para a história da poesia italiana.” (LE GOFF, 2001, p. 222). Também afirma Carpeaux (2018, p. 233): “O santo também inspirou a poesia franciscana, verdadeira renovação da poesia litúrgica”. Essa linguagem litúrgica também estará inserida continuamente na poesia adeliada (SOARES, 2012).

Tematizando temas comuns, Francisco segue por uma linguagem comum e essa simplicidade de estilo e léxico se tornará característica da poesia franciscana. “Francisco falava mais a linguagem da sinceridade do que a da retórica.” (LE GOFF, 2001, p. 220).

BAGAGEM

Enfim, Adélia Prado abre sua *Bagagem*⁴³ com a sessão “Modo Poético”, do qual o primeiro verso é “Licença Poética”. O poema faz intertextualidade com o “poema de Sete faces” de Carlos Drummond de Andrade, mas há mais do que referência a Drummond nesses versos:

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

A primeira coisa que se pode observar é a referência ao papel da mulher na sociedade. “Com licença poética” pode ser chamado de um poema feminista? A resposta é amplamente debatida no meio acadêmico, mas trata-se de fato de um poema que defende a importância e destaque do papel da mulher no meio social. Isso, porém, não só é apenas uma forma de feminismo, mas também um tipo franciscanismo, pois o santo de Assis é o primeiro a atribuir dignidade a figuras ocultas da sociedade, em especial a mulher e a criança. Sobre isso, afirma Jacques Le Goff (2001, p. 208): “Há em São Francisco e no franciscanismo do século XIII um lugar para a mulher que não existe nesse grau e nessa

⁴³ A seguir, todos os poemas apresentados serão referentes ao livro *Bagagem* (2017), salvo indicado o contrário.

perspectiva em nenhum outro meio religiosos da época – com exceção, claro, das beguinhas, e haveria, no fim do século, as grandes místicas beneditinas de Helfta”.

A valorização da figura feminina está ligada ao culto à Virgem Maria, que será amplamente difundido nos séculos XIII e XIV pelas ordens mendicantes. Adélia Prado faz uma ligação de sua valorização da mulher “essa espécie ainda envergonhada” com a figura da Virgem Maria, de maneira muito sutil no verso “ora sim, ora não, creio em parto sem dor”. Referência ao dogma da Imaculada Conceição, credo este que afirma que Maria teria sido poupada do pecado original em virtude do Filho de Deus que iria ter, uma vez que Deus não se permitiria nascer de alguém pecaminoso, uma vez que a salvação de Deus só seria perfeita se ela se estendesse a todos os tempos (portanto, ao menos uma pessoa antes da crucifixão, do passado, já deveria ter sido redimida) e, por fim, as leis de causa e efeito não se aplicam a Deus. Uma vez que Maria não teria pecado, ela teria sido livrada das dores do parto, castigo dado pelo pecado de Eva no capítulo III de Gênesis: “E à mulher disse: multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 51)⁴⁴. Não curiosamente, essa teoria teológica foi rechaçada pelos frades dominicanos, que não viam aparato para ela na filosofia aristotélico-tomista, enquanto foi amplamente pregada pelos frades franciscanos, vindo a ser declarada dogma em 1854, pelo Papa Pio IX.

Sobre a valorização da figura feminina e a devoção à Virgem Maria, Jacques Le Goff (2001, p. 211) afirma: “Um episódio popular – o da ‘manjedoura’ de Grécio – contribuiu para a difusão do culto do Menino Jesus que desempenhou para a promoção da criança um papel comparável ao culto da Virgem para a promoção da mulher”. O motivo é simples, São Francisco apresenta o menino Jesus – e não sua versão adulta, crucificada – como objeto de veneração, e junto dele a figura de sua santa mãe. A Virgem Maria, mãe de Deus (Θεοτόκος), é objeto de veneração da Igreja Católica desde seus primórdios, mas o *poverello* a populariza, difundindo junto a própria figura da mulher, que participa da encenação do presépio.

Até fins do século XII, o culto marial não atinge a poesia lírica dos trovadores; mas, a partir da cruzada contra os cátaros (1209), o culto

⁴⁴ Gênesis III, 16.

literário da Virgem adquire o domínio temático da produção trovadoresca, graças à militância da ordem dominicana (instituída em Tolosa no ano de 1215) e principalmente depois que o ‘espírito de São Francisco de Assis penetrou na sociedade e com ele a nova fisionomia desse culto’. (SPINA, 207, p. 57).

Entretanto, Adélia Prado apresenta dúvidas quanto a este dogma. Para alguns, a mera citação da palavra dogma apresenta ojeriza e ares de tirania. Dogmas na verdade são teses colocadas como verdades fundamentais do credo cristão católico. A negação de um ou mais dogmas acaba por negar a todos, pois esses pontos se encontram fortemente interligados. Por isso, os que negam um ou mais dogmas são chamados de hereges, isto é, aqueles que escolhem dogmas dentre o bloco sólido que deveriam ser (heresia vem do latim *haerēsis*, por sua vez do grego ἄρσεις, “escolha” ou “opção”). Os dogmas no geral versam sobre a natureza de Deus, da pessoa de Cristo, da sua santa mãe e da igreja.

O poema possui linguagem simples, fala de coisas da vida, do cotidiano e trata de alegria, um tema comum à poesia franciscana, como já apresentado na introdução deste estudo. O segundo poema ainda é uma apresentação do eu-lírico ao leitor, pois em “Grande desejo”, Adélia Prado se apresenta como “mulher do povo” e “mãe de filhos”. Ela ainda resume seu cotidiano que vai desde fazer comida e bater os restos para os cães, a uma lista de lugares “uma igreja, uma lápide, um descampado”. Mas o mais importante é que a autora se apresenta como alguém que se permite sentir diferentes emoções, descrevendo tanto suas dores e lágrimas como sua sensibilidade e alegria. Citar a igreja ou o cemitério, ambos territórios sagrados como locais a ir com seu livro expressa como toda a obra da autora se relaciona com o sagrado, ao mesmo tempo em que lida com o mundano. Adélia vê ambas as relações intrincadas, o sagrado e o profano, o poema e o salmo, sua vida espiritual e sua vida banal. A autora não separa as duas esferas. Ora, São Francisco e as ordens mendicantes fizeram exatamente a mesma coisa, uniram o mundo do clero ao mundo dos leigos.

O terceiro poema de seu livro é “Sensorial”, no qual o eu-lírico apresenta “Espírito, se for de Deus, eu adoro, / se for de homem, eu testo [...]”. A pneumatologia é uma área da teologia pouco destacada no catolicismo romano, somente com os movimentos

pentecostais e a chamada Renovação Carismática é que a terceira pessoa da Santíssima Trindade passou a ter papel de destaque. Entretanto, já na Idade Média há uma seita voltada para devoção ao Espírito Santo, os chamados Espiritualistas. Embora, a seita não tenha nenhuma relação com São Francisco de Assis, pois sua origem está no cisterciense Joaquim de Fiore, a seita recebeu imensa recepção por parte dos frades franciscanos, tendo muito de seu pensamento anexado ao espírito franciscano. “Da forja cisterciense sai Joaquim de Fiore, cuja doutrina espiritualista das ‘três idades’ (a do Pai, a do Filho, a do Espírito Santo) se prolonga até no século XIII e seduz os ‘espirituais’ franciscanos. A presença de Platão supera a de Aristóteles.” (SPINA, 2007, p. 77). Até hoje, bispos franciscanos do mundo todo estampam a imagem da pomba do Espírito Santo em suas insígnias episcopais, como sinal de referência ao Paráclito.

Em “Orfandade”, o eu-lírico expressa sua dor pela perda da mãe, falecida em 1970. Ela lamenta e se enluta enquanto pede a Deus para tornar-se criança.

Meu Deus
 me dá cinco anos.
 Me dá um pé de fedegoso com formiga preta,
 me dá um Natal e sua véspera,
 o rressonar das pessoas no quartinho.
 Me dá a negrinha Fia pra eu brincar,
 me dá uma noite pra eu dormir com minha mãe.
 Me dá minha mãe, alegria sã e medo remediável,
 me dá a mão, me cura de ser grande,
 ó meu Deus, meu pai,
 meu pai.

Nesse poema, o eu-lírico faz uma oração, pede que volte sua infância e deseja coisas das suas lembranças infantis, entre essas coisas, está a figura materna, perdida. Adélia Prado, crescida e sem mãe abraça uma melancolia e saudade da infância, típicos da 2ª geração do romantismo, para lamentar o fato de que já não tem mãe. Mas é nos versos finais que o eu-lírico demonstrará onde encontra aporte para sua orfandade, pois ela tem ao próprio Deus como pai, fato esse que não faz dela órfã. Adélia encontra abrigo da sua dor na própria filiação divina, vendo Deus como seu próprio pai, fato este que fica ainda mais marcado ao empregar uma repetição no verso final. Adélia lamenta a perda da mãe

neste poema e no poema seguinte, “Resumo”, mas afirma em “Orfandade” ter Deus como pai, essa é a chave para leitura de muitos poemas que se seguem em *Bagagem*, a autora encontrou abrigo em Deus como seu pai e já não está órfã.

O poema “Círculo” faz referências a mais lembranças, compondo o cenário de uma sala de jantar, onde a família come e ouve na Rádio Aparecida as celebrações do dia de Nossa Senhora Aparecida. Mais uma vez, *Bagagem* reserva locais de destaque para a figura da Virgem Maria, desta vez sobre o título brasileiro de Imaculada Conceição Aparecida (não ironicamente, uma versão do mesmo dogma franciscano de que Maria nascera sem pecado algum), o que configura, uma vez mais a mariologia adeliã. A Virgem será lembrada quatro poemas depois, em “Saudação”.

Ave, Maria!
Ave, carne florescida em Jesus.
Ave, silêncio radioso,
urdidura de paciência
onde Deus fez seu amor inteligível!

“No meio da noite”, “Módulo de verão”, “A hora grafada” e “Leitura”, a autora traz cenas de sua memória, um sonho, o cantar de uma cigarra e a casa de seu pai, respectivamente. Em cada um desses poemas há uma presença forte de elementos da natureza, a partir do qual a autora retira inspiração poética. “As buganvílias brancas destacadas de um escudo. / Não fosforescia nem cheirava nem eram alvas. / Eram brancas no amo, brancas de leite grosso.” e “Era um quintal ensombrado, murado alto de pedras, / As macieiras tinham maçãs temporãs, a casca vermelha / de escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas / fora do seu tempo desejadas. / Ao longo do muro eram talhas de barro.” e ainda “As cigarras têm cabeça de noiva, / as asas como véu, translúcidas. / As cigarras têm o que fazer, / têm olhos perdoáveis”. A autora não sobrenaturaliza a natureza, mas é no espaço da natureza que a autora encontra seu sentimento poético que, segundo ela mesma, é um dom dado constantemente por Deus.

A natureza é elemento de inspiração poética para muitos poetas, não só os de vertente franciscana. Já os clássicos gregos louvavam as pradarias inspirando também os poetas arcades a *fugere urbem* e fazerem o mesmo. Entretanto, Adélia Prado consegue

perceber a manifestação de Deus e dos mistérios da fé em elementos naturais, tal como São Francisco em “o Cântico do Irmão Sol. Este poema, graças ao qual a poesia italiana se inaugura por uma maravilha, foi chamado por Renan ‘a mais bela obra de poesia religiosa desde os Evangelhos’.” (LE GOFF, 2001, p. 100-101).

A natureza, o rústico, tem na poesia adeliana local de destaque. O cenário interiorano, no qual o bioma do cerrado se manifesta, a autora encontra inspiração ou encontra ao menos o pano de fundo no qual os fatos cotidianos retratados podem se evidenciar nos versos. Em todos os casos, na obra de Adélia a natureza cerratense sempre se faz presente, e se extrai dela a contemplação franciscana da criação.

No poema, “No meio da noite”, o eu-lírico contempla as buganvílias brancas e estas falavam da alegria da ressurreição:

Não fosforescia nem cheirava nem eram alvas.
Eram brancas no amo, brancas de leite grosso.
No quarto escuro a única visível coisa, o próprio ato de ver.
Como se sente o gosto da comida eu senti o que falavam:
“A ressurreição já está sendo urdida, os tubérculos
da alegria estão úmidos vão brotar sinos”
doía como um prazer [...]

A ressurreição está atrelada ao dogma da ressurreição de Cristo, que é festejado na Páscoa, onde a liturgia utiliza de vestes brancas, brancas como a das buganvílias. A autora utiliza-se da festa litúrgica com os sinos⁴⁵ e o branco das vestes para expressar sua própria ressurreição no sentido figurado. Ou seja, o eu-lírico não apenas consegue extrair poesia da natureza, mas arranca poesia também dos elementos de sua fé, da liturgia católica e dos costumes religiosos populares, tal como São Francisco que “[...] começou a cantar em alta voz pelos bosques louvores ao Criador de todas as coisas.” (CELANO, 2018, p. 33).

Além da percepção litúrgica nos elementos naturais, Adélia retoma em *Bagagem*, por diversas vezes, ao tema de sua orfandade. A autora lamenta a morte de seus pais e toca

⁴⁵ Um costume antigo é que os sinos das igrejas, símbolos de alegria, não deveriam ser tocados durante a quaresma, em especial da semana santa. Nessa época, utiliza-se um instrumento de som abafado, geralmente de madeira, chamado de “matraca”. É na festa da páscoa, durante o cântico do *Gloria in Excelsis* da missa do sábado santo que os sinos voltam a tocar e a palavra aleluia volta a ser pronunciada.

neste assunto em vários de seus poemas, tais como “Orfandade” e “Resumo” – supracitados – e também em “Poema Esquisito”.

Para além de seu luto, os demais poemas trarão elementos de sua religiosidade, fonte de sua alegria. “Quem entender a linguagem entende Deus cujo filho é o Verbo. Morre quem entender”. Porém, é em “O dia da ira” que se percebe, mais uma vez, explicitamente a influência franciscana. Nesse caso, já no título do poema. O dia da ira se refere ao dia da parúsia, o dia do julgamento final, onde um a um serão julgados por Jesus Cristo. Esse dia futuro é lembrado pelos católicos na liturgia no cântico do *Dies Irae* (literalmente, o dia da ira), escrito por Tomás de Celano, frade franciscano e autor da biografia de São Francisco que compõe a bibliografia deste trabalho. “*Dies iræ! Dies illa / Solvet sæclum in favilla / Teste David cum Sibylla!*”⁴⁶.

Nos poemas “Azul sobre amarelo, maravilha e roxo”, “Pistas” e “Exausto” não se encontra nenhuma característica digna de menção.

Em “Invenção de um modo”, Adélia Prado faz uma homenagem a Guimarães Rosa, porém, essa homenagem não fica apenas no romancista, como também relaciona sua obra sertanista com a Bíblia, mais uma vez trabalhando os elementos de espiritualidade e natureza típicos da temática franciscana. A autora chega a afirmar que “tudo que invento já foi dito / nos dois livros que eu li: / as escrituras de Deus, / as escrituras de João. / Tudo é Bíblias. Tudo é Grande Sertão”. A poetisa, em *Bagagem*, ainda homenageia o autor de *Grandes Sertões* em seu poema “Poema com absorvências no totalmente perplexas de Guimarães Rosa”. Outros poetas também são homenageados combinando suas obras com elementos religiosos: Carlos Drummond de Andrade, em “Agora, ó José” e “Todos fazem um poema a Carlos Drummond de Andrade”, e Fernando Pessoa, em “Reza para as quatro almas de Fernando Pessoa”.

Tal como em “No meio da noite”, a autora ainda continuará a tratar do tema da ressurreição em “Ovos da Páscoa”, “Páscoa” e “Roxo”. O que é importante de se destacar, pois a alegria da ressurreição é um elemento difundido pelos franciscanos. Na Idade Média,

⁴⁶ “Dia da ira! Aquele dia / em que os séculos se dissolverão em cinzas / tendo por testemunha tanto Davi como Sibila” (tradução nossa).

sob influência dos mosteiros beneditinos e cistercienses, a espiritualidade tocava constantemente no tema da paixão e crucificação do Cristo, o riso era visto como inadequado, e a penitência era o assunto das pregações. Porém, com São Francisco e os frades menores, a alegria e o branco da ressurreição passam a prevalecer sobre o roxo quaresmal.

Propondo como programa um ideal positivo, aberto ao amor de todas as criaturas e de toda a criação, enraizado na *alegria* e não mais na *accedia* mal-humorada, na tristeza, recusando-se a ser monge ideal da tradição dedicada a *chorar*, ele abalou a sensibilidade medieval e cristã e reencontrou um júbilo primitivo, depressa abafado por um cristianismo masoquista. (LE GOFF, 2001, p. 114, grifos do autor).

Em seu poema “Um salmo”, Adélia Prado deixa evidente a referência bíblica, mas faz nesse poema um paralelo com o *Cântico das Criaturas*, pois neste São Francisco conchama todas as criaturas a cantarem com ele, e o que é apresentado em “Um salmo” não é diferente disso:

Tudo que existe louvará.
 Quem tocar vai louvar,
 quem cantar vai louvar,
 o que pegar a ponta de sua saia
 e fizer uma pirueta, vai louvar.
 Os meninos, os cachorros,
 os gatos desequivados,
 os ressuscitados,
 o que sob o céu mover e andar
 vai seguir e louvar.
 O abano de um rabo, um miado,
 u’a mão levantada, louvarão.
 Esperai a deflagração da alegria.
 A nossa alma deseja,
 o nosso corpo anseia
 o movimento pleno:
 cantar e dançar TE-DEUM.

Conchamar a todas as criaturas o louvor de Deus é algo inserido pelo franciscanismo e que pode ser resumido nesse poema. No cristianismo dos primeiros séculos, quando o “*Te Deum*” foi composto, desenvolvia-se a liturgia com cânticos de salmos e hinos para serem entoados pelos clérigos a todo instante. Essa liturgia, feita nos cabidais dos

monastérios e catedrais, é indiferente aos leigos e ao mundo externo. São Francisco, pelo contrário, atrai o laicato ao louvor e transforma toda a criação no cabidal que entoou louvores sem cessar a Deus. “O santo também inspirou a poesia franciscana, verdadeira renovação da poesia litúrgica” (CARPEAUX, 2018, p. 233). Para São Francisco, – “sem qualquer panteísmo” (LE GOFF, 2001, p. 38). – a Terra não é uma deusa, mas uma irmã, uma filha de Deus, por isso é possível encontrar nas criaturas inspiração poética.

Nos poemas “Impressionista” e “A despropósito” retomam memórias de infância da autora. Em “Um salmo”, o eu-lírico remete ao louvor das criaturas irmãs, mas sinaliza esse louvor no tempo futuro, como se toda a glória que não foi dada a Deus será dada no último dia, fazendo deste poema uma profecia apocalíptica tal qual “O dia da ira”.

Mas a percepção de louvor a Deus nas coisas banais não está resumida apenas a esses poemas. Adélia Prado apresenta esse mesmo louvor, impulsionado pelo Espírito Santo, em “Os acontecimentos e os dizeres”, “Vigília” e “Bucólica Nostálgica”, nos quais, respectivamente, uma criança, uma jovem – que é a própria autora – e um trabalhador rural. No primeiro desses poemas, um menino parece ter compreendido o mistério da paz em Deus: “Mas, quem disse: Deus é um espírito de paz, / está repetindo um menino de sete anos que acrescentou: / eu tenho medo é de dia; de noite, não, / porque é claro”. Já a jovem é movida para alegria, para a jocosidade: “O Espírito de Deus, movendo o que lhe apraz, / move a moça – que jurei não ser poeta – / a dizer cheia de graça: ‘coisa mais engraçada deve ser / o Presidente chupando laranja!’ / o Espírito de Deus é misericordioso, / vai desertar de mim pra eu poder descansar, / vai me deixar dormir”. Por fim, o trabalhador rural que come apressadamente, tal como os hebreus no livro bíblico do Êxodo, precisa louvar a Deus durante todo o dia: “O que um homem precisa pra falar, / entre enxada e sono: Louvado seja Deus!”.

Em alguns poemas, Adélia Prado costuma demonstrar certo desprezo pela intelectualidade. Como se os mistérios da fé estivessem reservados aos pequeninos e não aos doutos e sábios. Um exemplo desses poemas é “O que a musa eterna canta”:

Cesse de uma vez meu vão desejo
de que o poema sirva a todas as fomes.
Um jogador de futebol chegou mesmo a declarar:

‘Tenho birra de que me chamem de intelectual,
sou um homem como todos os outros.’
Ah, que sabedoria, como todos os outros,
a quem bastou descobrir:
letras eu quero é pra pedir emprego,
agradecer favores,
escrever meu nome completo.
O mais são as maltraçadas linhas.

O desprezo pelas letras é um fator característico do franciscanismo, pois São Francisco via a erudição como motivo de orgulho e soberba.

Os irmãos que estudavam corriam o risco de afastar-se do ideal primitivo, seja acumulando de modo egoísta conhecimentos capazes de isolá-los dos iletrados, seja por causa de sua demanda de livros, que custavam muito caro. (VAUCHEZ, 1995, p. 128).

Parece que São Francisco teve no mínimo desconfiança em relação aos eruditos, porque considerava a ciência uma forma de posse, de propriedade, e os doutos como uma espécie particularmente terrível de poderosos; mas seu respeito pelo clero em geral fazia com que englobasse nessa reverência seus membros que eram eruditos. (LE GOFF, 2001, p. 159).

Sobre esse tema, há uma controvérsia, pois São Francisco não era um inimigo do conhecimento. “São Francisco não era um inimigo da cultura, mas era muito sensível aos riscos que esta comportava.” (VAUCHEZ, 1995, p. 128). E o mesmo escreveu uma carta para Santo Antônio (FRANCISCO, 2021), autorizando o estudo pelos seus seguidores, apesar de que “não há segurança quanto à autenticidade da carta de Francisco a Antônio sobre a qual repousa essa hipótese.” (LE GOFF, 2001, p. 85). O importante é que isso fará com que a Ordem dos Frades Menores produza grandes intelectuais, como por exemplo São Boaventura e Raimundo Lúlio. “[...] a Ordem do *Poverello* de Assis se viu como que compelida a participar da vida acadêmica da mais célebre das universidades, e a que se equipar para uma tarefa inteiramente estranha às cogitações do seu fundador.” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 414).

Em Adélia Prado, o contraditório desprezo pela erudição também é encontrado, como em “Antes do nome”.

A segunda vez que Santo Antônio é citado em *Bagagem*, depois de “Oração a Santo Antônio”, é no poema “Tarja”, onde o eu-lírico fala de uma revista intitulada “Santo Antônio”, provavelmente produzida pelos próprios frades de Divinópolis e distribuída para os fiéis. Já no curto poema “Para tambor e voz” e em “Endecha das três irmãs” não são perceptíveis nenhum elemento franciscano. Já em “Um homem doente faz a oração da manhã” há referência a orações cristãs.

Outro elemento típico do franciscanismo é o destaque a figura da criança, que estava posta de lado no adulto mundo medieval, mas São Francisco confere proeminência a essa figura por meio do menino Jesus. “Um episódio popular – o da ‘manjedoura’ de Grécio – contribuiu para a difusão do culto do Menino Jesus que desempenhou para a promoção da criança um papel comparável ao culto da Virgem para a promoção da mulher.” (LE GOFF, 2001, p. 211). Adélia muitas vezes se vê como criança, sobretudo quando relembra seus falecidos pais, vendo-se como uma criança órfã. Mas esse não é o único destaque adiliano a figura infantil. Ao descrever o cotidiano, a figura de meninos, geralmente juntos de cães e gatos, é bem frequente em seus poemas. “Os meninos, os cachorros, os gatos desesquivados, os ressuscitados, o que sob o céu mover e andar vai seguir e louvar” e ainda “Os meninos, farejando e mijando com os cachorros. Houve esta vida ou inventei?”. Um menino ou mais meninos aparecem em vários poemas, sendo que em um desses, “Azul sobre amarelo, maravilha e roxo”, é o próprio menino Jesus: “Na alma, o querer de um mundo tão pequeno, / como o que tem nas mãos o Menino Jesus de Praga”.

Em seu poema “Uma forma para mim”, o eu-lírico se questiona se a sua rotina ordinária pode ser algo santo, santificante. A própria Igreja Católica declara que as atividades mundanas dos leigos podem ser meios de santificação tal qual a vida reservada dos clérigos e religiosos. “Pois todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com

paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (VATICANO II, 2000, p. 80). Mas antes que a Igreja declarasse esta verdade, São Francisco já fora o responsável pela “[...] supressão de uma das grandes barreiras da sociedade medieval, a que separa os clérigos dos leigos.” (LE GOFF, 2001, p. 151).

Em metalinguagem, Adélia louva a poesia em seu poema “Guia” no qual ela vê a poesia como motivação religiosa e acredita que esta irá salvá-la. “A poesia me salvará. Falo constrangida, porque só Jesus Cristo é o Salvador, conforme escreveu um homem – sem coação alguma – atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança de Congonhas do Campo. No entanto, repito, a poesia me salvará”. É bastante comum a referência do poeta e da poesia nos versos adelianos, mas, nos versos supracitados, o eu-lírico vê a poesia de maneira sacramental, salvífica, como o próprio Cristo. A sacralização do mundo e da criação é uma novidade apresentada pelo franciscanismo e é dessa novidade que Adélia extrai a sua, na qual o fazer poético também é sacro. Para Adélia, orar e escrever poesias são atividades iguais. Daí que ela afirmará nos versos seguintes: “Por ela [a poesia] entendo a paixão / que Ele teve por nós, morrendo na cruz.” (inserção nossa). Deus se manifesta na arte, na Palavra, daí que a própria poesia será objeto de fazer poético. Também há metalinguagem em “Disritmia”, “Sedução” e “Anunciação ao poeta”.

Nos versos seguintes, Adélia afirma que sua forma de se encontrar com o sagrado é apócrifa, pois esta se diferencia por demasiado das postulações da Igreja Católica. Porém, o eu-lírico insiste que esse caminho da poesia lhe dará a salvação eterna, e que os santos a aprovam. Por fim, o eu-lírico teme os doutos – e não a Deus – que podem imputar-lhe a excomunhão por essa sua forma de compreender o caminho salvífico. “Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos, / porque temo os doutores, a excomunhão / e o escândalo dos fracos. A Deus não temo”. O medo dos doutores e a distinção do eu-lírico em meio aos fracos, incompatível com os intelectuais, dialoga imediatamente com a visão franciscana em relação a intelectualidade, tal como já apresentado.

No poema seguinte, “Bendito”, o eu-lírico assume uma postura de louvor idêntica a estrutura do *Cantico di Frate Sole* (apresentado no começo deste capítulo).

Louvados sejas Deus meu Senhor,
 porque o meu coração está cortado a lâmina,
 mas sorrio no espelho ao que,
 à revelia de tudo, se promete.
 Porque sou desgraçado
 como um homem tangido para a força,
 mas me lembro de uma noite na roça,
 o luar nos legumes e um grilo,
 minha sombra na parede.
 Louvado sejas, porque eu quero pecar
 contra o afinal sítio aprazível dos mortos,
 violar as tumbas com o arranhão das unhas,
 mas vejo Tua cabeça pendida
 e escuto o galo cantar
 três vezes em meu socorro.
 Louvado sejas porque a vida é horrível,
 porque mais é o tempo que eu passo recolhendo despojos,
 – velho ao fim da guerra como uma cabra –
 mas limpo os olhos e o muco do meu nariz,
 por um canteiro de grama.
 Louvados sejas porque eu quero morrer,
 mas tenho medo e insisto em esperar o prometido.
 Uma vez, quando eu era menino, abri a porta de noite,
 a horta estava branca de luar
 e acreditei sem nenhum sofrimento.
 Louvado sejas!

A referência ao *Cântico das Criaturas* está na anáfora “Louvado sejas”, pois o eu-lírico não conclama a natureza ao louvor, mas o eu-lírico na infância vê a horta banhada pela luz da lua e compreende os mistérios da fé. Nesse poema, o tema é o sofrimento e o pecado, isto é, o mal. O mal torna a vida horrível e leva o eu-lírico ao pecado. A paixão de Cristo (expressa na cabeça pendida na cruz e o triplo cantar do galo na negação de Pedro) a livra do pecado, mas o eu-lírico permanece mergulhado no sofrimento, pois é a lembrança dessa horta, desse canteiro, desses legumes acompanhados por um grilo, no qual a contemplação o levou a crer é que de fato o livra do mal e o faz bendizer a Deus.

No poema seguinte, intitulado “Refrão e assunto de cavaleiro e seu cavalo medroso”, o luar no cerrado mineiro continua como tema e objeto de reflexão. Uma nova anáfora repete-se por seis vezes: “Ô estrela-d’alva, / ô lua...” e o eu-lírico se apresenta como um homem montado que dialoga com seu cavalo – um cavalo falante que lhe faz perguntas – sobre mistérios que – dirá o eu-lírico – pertencem a Deus. Não é apenas o cavalo medroso

que possui o dom da fala. Em “Anímico”, o eu-lírico descreve uma planta que atrai diversos insetos, cujos zumbidos dão a impressão de que a planta conversa.

É comum que a autora retome, em suas poesias, lembranças do passado, - como em “Para comer depois” – especialmente dos seus falecidos pais, como em “Metamorfose”. Esse passado “atravessou minha vida, virou só sentimento”. Porém, é comum ver um certo interesse pela morte, um interesse bem diferente do mal do século da segunda geração do modernismo brasileiro. A autora trata o tema da morte com tamanha leveza que parece ser ela mais uma parte do cotidiano. “É necrofilia não, é simpatia, dor / que aos domingos me adula, açula um galo, / o gosto da melancolia”. Essa característica “necrófila” é muito presente no pensamento franciscano, pois São Francisco via a morte como uma irmã e a lembrança da mortalidade como sinal de humildade. Vai cantar ele mesmo: “Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal!” (FRANCISCO *In*: TEIXEIRA, 2013, p. 46-47). É possível ver referências à morte em “Solo da clarineta”, “Roxo”, “A tristeza cortês me pisca aos olhos” e “De Profundis”.

Outro tema recorrente na poesia adeliana é a alegria. “Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem”. A alegria está presente indiretamente em quase todos seus versos, mas aparece de maneira explícita em “Momento” e “Atávica”. A própria epígrafe da primeira parte de *Bagagem* fala de alegria. A alegria também compõe o vocabulário franciscano, que por primeiro pregou que “Deus é alegria” (LE GOFF, 2001, p. 38). Em meio ao pensamento tristonho, no mínimo contido, medieval, Francisco se declarou um jogral de Deus. “Somos os saltimbancos de Deus, e a verdadeira recompensa que desejamos é ver que levais uma vida verdadeiramente penitente.” (VAUCHEZ, 1995, p. 131). O santo trouxe a alegria e o bom humor para o mundo cristão, não atoa seria inspiração para toda a composição dos goliardos nos séculos seguintes.

São Francisco era, antes de tudo, um homem alegre. “Toda a alegria interior de que Francisco está repleto transparece pelas múltiplas exortações que dirige aos frades para ajudá-los a ser sempre alegres no Senhor” (CONTI, 2004, p. 71). A alegria franciscana

provém da filiação divina. Ao serem adotados em Jesus Cristo como filhos de Deus Pai, os frades menores não tem motivo para se entristecer. Adélia Prado também se consola em Deus Pai, sobretudo para afastar a falta de seus pais. Em “Duas maneiras”, o eu-lírico brinca com Deus e senta no seu colo: “Quando Ele dá fé, já estou no colo d’Ele, / pego sua barba branca, / Ele joga pra mim a bola do mundo, / eu jogo pra Ele”.

A figura de Deus como um pai bondoso está posta já no Novo Testamento, mas na poesia de Adélia Prado ela se apresenta combinada às memórias infantis, nas quais o eu-lírico se vê como uma criança (tema muito valorizado no franciscanismo). O eu-lírico é uma criança pobre, sem pai e mãe, mas que tem Deus como guardião, amigo e protetor.

Ainda em “Duas maneiras”, a poetisa também cita um “balaio de pequi, fruta feita de cheiro e amarelo”, trazendo representação poética para o bioma do cerrado. Francisco também exalta a natureza e sua proximidade com ela é tão conhecida a ponto de ser referenciada por vários outros grandes autores da literatura, “Como uma criança e como um sábio, ele falava com as flores, a relva, as águas e inúmeros animais, entoava cânticos em louvor a eles, amava-os e consolava-os alegrava-se com eles e participava de sua vida inocente.” (HESSE, 2019, p. 38).

Em seu poema “Sítio”, a autora descreve a igreja como uma junta de bois. Essa retratação faz um paralelo com as representações de Jesus Cristo bom pastor. É claro, alterando *mutatis mutandis* o rebanho de ovelhas para a realidade do cerrado, com o gado. O eu-lírico é gado, está rodeado de gado e sente-se pertencente a uma grei.

A igreja é o melhor lugar.
Lá o gado de Deus para pra beber água,
rela um no outro os chifres
e espevita seus cheiros
que eu reconheço e gosto,
a modo de um cachorro.
É minha raça, estou
em casa como no meu quarto.
Igreja é a casamata de nós.
Tudo lá fica seguro e doce,
tudo é ombro a ombro buscando a porta estreita.
Lá as coisas dilacerantes sentam-se
ao lado deste humaníssimo fato
que é fazer flores de papel

e nos admiramos como tudo é crível.
Está cheia de sinais, palavra,
cofre e chave, nave e teto aspergidos
contra vento e loucura.
Lá me guardo, lá espreito
a lâmpada que me espreita, adoro
o que me subjuga a nunca como a um boi.
Lá sou corajoso
e canto com meu lábio rachado:
glória no mais alto dos céus
a Deus que de fato é espírito
e não tem corpo, mas tem
o olho no meio de um triângulo
donde vê todas as coisas,
até os pensamentos futuros.
Lugar sagrado, eletricidade que eu passeio sem medo.
Se eu pisar,
o amor de Deus me mata.

O interesse pelo gado apresenta-se no franciscanismo já quando São Francisco cria a imagem do presépio e coloca ali a figura de um boi e um jumento. Ora, no contexto bíblico não se fala que havia animal algum. (RATZINGER, 2012), mas o *Poverello* traz essas imagens como forma de demonstrar a relação de irmandade para toda criação, bem como o fato de que todo o mundo criado se coloca em adoração ao menino Deus na manjedoura.

Nesse poema, o eu-lírico se vê como um boi cercado por seus irmãos, sua raça. Eles estão juntos, encostando-se, ombro a ombro, em referência aos bancos das igrejas católicas, no qual o contato físico é comum. A igreja é lugar de refrigério, de descanso. “Lá o gado de Deus para pra beber água”. Em seguida, o eu-lírico descreve o templo físico em que está, como o sacrário: “cofre e chave, nave e teto aspergidos”, por exemplo. Por fim, o eu-lírico sente-se tamanhamente tocado pelo amor de Deus que pode morrer com ele.

Nos anos 60, despontou na América Latina a Teologia da Libertação – uma abordagem da teologia católica combinada ao marxismo – e, no Brasil, ela foi amplamente difundida por meio dos frades franciscanos e outros religiosos, sobretudo porque um grande nome dessa linha de pensamento era um frei franciscano, Leonardo Boff. A visão da teologia da libertação procura a simplicidade e o rompimento de todas as estruturas hierárquicas da Igreja, além da opção preferencial pelos pobres e a busca de uma sociedade

igualitária, a instauração do reino de Deus. Essas características encontraram no pensamento franciscano um terreno fértil, pois parecem ser bastante compatíveis.

Adélia Prado, em sua juventude, participou ativamente dos movimentos em sua paróquia, administrada pelos frades franciscanos. Assim sendo, incorporou elementos da teologia da libertação franciscana também em seu repertório. Em seu poema “Cabeça”, Adélia Prado demonstra críticas ao modo de ser de seu bispo diocesano.

“[...] Um bispo quando tem zelo
apostólico, é uma coisa charmosa.
Não canso de explicar isso pro pastor
da minha diocese, mas ele não entende
e fica falando, ‘minha filha, minha filha’,
ele pensa que é *Woman’s Lib*, pensa
que a fé tá lá em cima e cá em baixo
é mau gosto só. é ruim, é ruim
ninguém entende [...]”

Os versos acima apresentam um desentendimento entre o eu-lírico e o bispo, e uma discussão metafísica sobre o mal no mundo. Enfim, qualquer leitura de São Francisco como um reformador político não passa de um grosseiro anacronismo, afinal “O pessimismo político de São Francisco, que foi marcante, afastava de seu vocabulário qualquer enquadramento linguístico do tipo político.” (LE GOFF, 2001, p. 165-166).

Em “Tabaréu”, há uma outra citação à Virgem Maria, desta vez sob o título de Nossa Senhora de Fátima. E em “O modo poético”, mais uma vez se exalta a alegria. Após “O modo poético”, o maior capítulo de *Bagagem*, o segundo de quatro capítulos se intitula “Um jeito e amor”, trazendo mais uma vez um trecho bíblico como epígrafe. Essa parte possui todos seus dezenove poemas sobre o amor. O tom de cortejo mira um flautista nos poemas “A serenata”: “Uma noite de lua pálida e gerânios ele virá com a boca e mão incríveis tocar flauta no jardim.” e “Uma vez visto”: “Para o homem com a flauta, sua boca e mãos, eu fico calada”. O amor para com este floresce ao longo dos poemas “Amor violeta”, “O sempre amor” e “A meio pau” e incendeia o eu-lírico tal qual Santa Joana D’Arc levando-a a buscar o consentimento dos seus pais em relação ao flautista, em “Canção de Joana D’Arc”:

A chama do meu amor faz arder minhas vestes.

É uma canção tão bonita o crepitar
que minha mãe se consola,
meu pai me entende sem perguntas
e o rei fica tão surpreendido
que decide em meu favor
uma revisão das leis.

A história continua e o eu-lírico se casa com o homem da flauta, eles dormem bem juntinhos, mas o cortejo continua. Em um dos poemas, “Medievo”, o cortejo assume tons palacianos.

Senhor meu amo, escutai-me,
a donzela espera por vós, no balcão.
Cuidai que não acorde os fâmulos
a paixão que estremece o vosso peito.
Os galgos estão inquietos, a alimária pateia.
Rogo-vos que vos apresseis.

O ato de cortejar, aos moldes medievos, dialoga com o franciscanismo, pois “O francês que ele aprendeu antes de sua conversão, porque era a língua por excelência da poesia e dos sentimentos cavaleirosos, continuou a ser a língua de suas efusões íntimas.” (LE GOFF, 2001, p. 59). Francisco cortejava sua dama, a pobreza, mas nos moldes de um poeta trovador. “Eram tempos em que ressoaram as primeiras composições dos trovadores, e Francisco conservou traço disso para toda a vida” (HESSE, 2019, p. 64). Na juventude, dizia aos amigos que conheceu uma senhora que é a mais bela de todas e com a qual iria se casar, seus amigos pensavam tratar-se de alguma donzela, mas na verdade Francisco referia-se à pobreza. Essa figuração da pobreza como sua dama é evocada várias vezes dali em diante.

O tom cortês se estende até o fim dessa parte do livro. O eu-lírico louva seu amor e fala de intimidades e bolos de casamento. Entretanto, em “Amor feinho”, o eu-lírico compara seu amor à fé. “Amor feinho não olha um pro outro. Uma vez encontrado, é igual fé, não teologa mais”. Já em *Bagagem*, é possível notar o início do que será a figura de maior cortejo de Adélia Prado: Jonathan, a misteriosa figura que representa Deus.

Após “Um jeito e amor”, segue-se uma nova parte do livro, dessa vez intitulada “A Sarça Ardente”, essa parte será dividida em duas “A Sarça Ardente – I” e “A Sarça Ardente

– II”, ambas possuem suas epígrafes extraídas do livro bíblico do Êxodo, livro este que possui a passagem da sarça ardente, isto é, um arbusto que incendiava sem queimar no qual Moisés falou com Deus. Nestas duas partes, I e II, a poetisa assume um tom de revisitar suas memórias e extrair delas poesia, como em “Janela”, onde o eu-lírico louva a janela pela qual ela viu tantas coisas.

Em “Epifania” há mais uma vez uma referência a um menino e um cachorro. “um cachorro late, / um menino chora ou grita”, a apresentação da figura da criança como objeto de fruição poética e sua relação com o franciscanismo já foi comentada neste mesmo capítulo.

Porém, para além das memórias de infância ou os meninos e seus cachorros, essa parte do livro tem como protagonista – mais do que nas partes anteriores – um forte protagonismo feminino. Ainda em “Epifania”, há a retratação de uma conversa íntima, feminina, entre uma tia e sua sobrinha e em “O Vestido”, o eu-lírico descreve seu vestido preto de seda que é guardado no seu armário. É interessante notar que o destaque não fica apenas no eu-lírico que é mulher, mas na feminilidade, na figura de mulheres. Em “A Cantiga”, uma mulher (seria a mãe dela?) na cozinha canta uma música sobre uma cigana.

Em “Dona Doida”, o eu-lírico começa criança indo buscar chuchus para a mãe fazer almoço e retorna trinta anos depois, e não encontra seus filhos, mas seu marido e filhos que a repreendem por andar na chuva com um guarda-chuva de criança, levando chuchus no vestido, deixando assim suas coxas a mostra. Tais representações femininas, na literatura brasileira, que a pouco tempo recebeu Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Cora Coralina, só poderiam ser consideradas vanguardistas. Adélia Prado é moderna, mas essa também é uma característica de São Francisco. Apesar de muito se falar sobre os renascimentos e se citar o *trecento* ou o *quatrocento*, o renascimento na Europa medieval só foi possível porque Francisco fizera o *duocento*. Francisco inaugurou a poesia em italiano e repensa a evangelização monástica da Igreja, apresentando um modelo de vida religiosa urbana, condizente com o período de crescimento econômico na Itália que bancará os artistas renascentistas.

[...] se São Francisco foi moderno, é porque seu século o era. E isso não é diminuir sua originalidade nem sua importância, mas constatar, como o fez admiravelmente Luigi Salvatorelli, que ele ‘não surgiu como uma árvore mágica no meio do deserto’, mas que é o produto de um lugar e de um momento, ‘a Itália comunal em seu apogeu’. (LE GOFF, 2001, p. 105).

Ainda tocando a inovadora temática feminina, a autora apresentará em “A menina do olfato delicado” uma mãe tentando alimentar uma filha que apresenta várias dificuldades para tal. Em “A flor do campo”, o eu-lírico caminha junto com as tias, retornando da igreja. Em “Rebrinco”, o eu-lírico realiza serviços domésticos na companhia das primas. E, por fim, em “Ensino”, o eu-lírico lembra dos gestos de amor que sua mãe, dona de casa, dava de exemplo no dia-a-dia.

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

Em todos esses poemas, não há apenas a apresentação do universo feminino e o protagonismo de mulheres, como há uma simplicidade muito grande no cenário traçado, entre calçadas cheias de ervas e pias cheias de espuma, apresenta um cotidiano humilde, quase prosaico, cuja modéstia só pode ser comparada ao estilo franciscano, despreendido de arranjos formais e/ou clericais. Afinal, o próprio Francisco declarou: “Sabei, Irmãos, que a pobreza é o caminho mais seguro para a salvação, como fundamento que é da humildade e raiz de toda perfeição” (BOAVENTURA, 2016, p. 68).

Em “A Sarça Ardente – II”, já não é a mulher a figura central, mas o homem. O que põe por terra qualquer tentativa de uma leitura feminista em sua obra, pois Adélia trata o masculino e o feminino sem abrir espaço para uma disputa. Tal conciliação, é claro, só seria possível no franciscanismo. “Seu objetivo, então, era superar essas divisões sociais dando

em sua ordem o exemplo de igualdade e nos contatos com os homens o de redução à camada mais baixa, a dos pobres, dos doentes e dos mendigos.” (LE GOFF, 2001, p. 106).

No poema “O homem permanecido”, o eu-lírico dá uma detalhada descrição de um homem, um homem sereno, um homem forte e decidido, mas feliz em seu interior.

Era uma vez
uma venta fremente e um duro queixo.
Era uma vez um pisado de levantar pedra e poeira.
O que chamam de morte devastou com as narinas, o maxilar,
o dorso dos pés e sua planta.
Sobrou um gesto reto no espaço, a fremência,
um modo de passos e voz.
Eu lembro coisas que acontecerão:
era uma vez um homem que está rijo e cantante,
sem o espírito e a lei da gravidade,
alegre de nenhuma ameaça.

Outros homens aparecem nos poemas dessa parte, como em “Insônia”, onde um homem passa a noite em claro, revivendo suas memórias, ou em “Fé”, onde um homem bastante velho come banana e leva o eu-lírico a refletir sobre o dogma católico da ressurreição da carne. Nessa parte, Adélia insere vários poemas – ao contrário de “A Sarça Ardente – I” onde ela inseriu várias vezes memórias sobre sua mãe – onde resgata a memória de seu pai, como em “Figurativa” e “O Sonho”. Mas o tema da morte também é bastante presente nessa parte, tal como foi na primeira parte. Ao lembrar primeiro sua mãe e depois seu pai, Adélia encerra lembrando a morte de cada um, bem como seu luto, em “As mortes sucessivas”.

Quando minha irmã morreu eu chorei muito
e me consolei depressa. Tinha um vestido novo
e muitas no quintal onde eu ia existir.
Quando minha mãe morreu, me consolei mais lento.
Tinha uma perturbação recém – achada:
meus seios conformavam dois montículos
e eu fiquei muito nua,
cruzando os braços sobre eles é que eu chorava.
Quando meu pai morreu, nunca mais me consolei.
Busquei retratos antigos, procurei conhecidos,
parentes, que me lembrassem sua fala,
seu modo de apertar os lábios e ter certeza.
Reproduzi o encolhido do seu corpo

em seu último sono e repeti as palavras
que ele disse quando toquei seus pés:
'deixa, tá bom assim'.
Quem me consolará desta lembrança?
Meus seios se cumpriram
e as moitas onde existo
são pura sarça ardente de memória.

Nesse poema, o motivo para o nome dessas duas partes é apresentado, pois ao eu-lírico se sente tocado por esse fogo que não consome, não extingue, e esse fogo é a saudade. Apesar de mostrar-se triste pela partida de seus entes queridos, a fé cristã da poetisa faz com que ela creia firmemente na vida eterna, “Depois de morrer, ressuscitou / e me apareceu em sonhos muitas vezes”.

A última e menor parte do livro é “Alfândega” e não tem epígrafe. Essa parte só possui um único poema de mesmo nome. Nele, o eu-lírico se vê injustiçado, mas ao mesmo tempo se irrita com toda vaidade e exigências burocráticas. Tudo que o eu-lírico tinha era um dente solto, seu choro, um preconceito com o barroco e o Rio de Janeiro, depois de tudo, perdeu o dente e foi humilhada. E é assim que se encerra *Bagagem*, o primeiro livro de Adélia Prado.

O CORAÇÃO DISPARADO

O segundo livro de Adélia Prado é *O Coração Disparado* (1977), vencedor do prêmio Jabuti, que se divide em quatro partes. A primeira parte é “Qualquer coisa é a casa da poesia”, contendo vinte e cinco poemas.

Em “Linhagem”, a autora apresenta sua árvore “ginecológica”, tratando de seus pais e avós. Depois, desse poema, a autora apresenta alguns poemas que falam sobre flores – “Flores”, “Dois Vocativos”, “Primeira Infância”, “Subjeto” e “Esperando Sarinha” – e outros objetos que se tornam inspiração poética, como um chalé ou um guarda-chuva. Até mesmo fatos são objeto de fruição poética, como a morte do presidente Getúlio Vargas.

Mas em “Flores”, a poetisa cita, entre suas obrigações paroquiais e coisas esplêndidas, as cinco chagas. Essa devoção é muito antiga na Igreja, e remete aos cinco

ferimentos que Jesus Cristo teve ao ser crucificado: os furos dos pregos nas duas mãos e nos dois pés e o corte da lança perfurada em seu lado. A origem dessa devoção está entre os séculos XII e XIII, sendo muito popular em Portugal, ao ponto de ser citada nas obras de Sá de Miranda, Gil Vicente, João de Barros, André de Resende e até mesmo no épico *Os Lusíadas* de Luís de Camões, tendo sido propagada sobretudo por São Bernardo de Claraval, Santa Gertrudes e, é claro, São Francisco de Assis. O mesmo santo seria, segundo reza a tradição, marcado por essas cinco chagas de Cristo.

No poema “Roça”, a autora volta a citar a figura de meninos (crianças) acompanhados de cães, tal qual fez diversas vezes em *Bagagem*. “No mesmo prato / o menino, o cachorro e o gato. / Come a infância do mundo” (PRADO, 2017, p. 113)⁴⁷. É no mínimo curioso notar o quanto essa imagem está tão bem destacada no imaginário da poetisa a ponto de ser trazida aos seus versos tantas vezes. De fato, Adélia Prado apresenta o contexto de tempos áureos, onde meninos passavam o dia todo a brincar, acompanhado de seus companheiros caninos, andando pelas ruas, atravessando lotes, cortando pastos. Essa simplicidade nostálgica vem de encontro a uma sociedade apavorada pela violência e pela criminalidade, o que, talvez, torne tão poética a figura de um menino e seu cachorro.

No poema “Tempo”, o eu-lírico se apresenta no dia vinte de julho de mil novecentos e setenta e seis, com quarenta anos. Esse é o primeiro poema onde Adélia Prado cita um nome que será repetido diversas vezes ao longo de sua obra, este nome é: Jonathan.

A mim que desde a infância venho vindo
como se o meu destino
fosse o exato destino de uma estrela
apelam incríveis coisas:
pintar as unhas, descobrir a nuca,
piscar os olhos, beber.
Tomo o nome de Deus num vão.
Descobri que a seu tempo
vão me chorar e esquecer.
Vinte anos mais vinte é o que tenho,
mulher ocidental que se fosse homem

⁴⁷ A seguir, todos os poemas apresentados serão referentes ao livro *O Coração Disparado* (2017), salvo indicado o contrário.

amaria chamar-se Eliud Jonathan.
Neste exato momento do dia vinte de julho
de mil novecentos e setenta e seis,
o céu é bruma, está frio, estou feia,
acabo de receber um beijo pelo correio.
Quarenta anos: não quero faca nem queijo.
Quero a fome.

Já no poema “Nem um verso em dezembro”, a autora cita diretamente a São Francisco, ao tratar do tema da morte: “Não quero nunca desejar a morte, / a não ser por santidade, como a chamou Francisco: irmã.”. Nesses versos, o eu-lírico deixa claro que seu fascínio pela morte não se trata de uma morbidade, mas, ao contrário, está em ver a vida de tal maneira abandonada em Deus que não se importa de quando a sua alma será recolhida, tal visão vê o óbito apenas como uma passagem para uma nova vida junto de Deus.

A morte é um tema bastante presente na poesia de Adélia Prado, disso já se discorreu acima. Entretanto, é possível notar uma certa relação de estética macabra no poema “Um silêncio”, que narra a história de uma moça que colocou os chinelos bem juntinhos e deitou-se nos trilhos de trem para se suicidar. O sangue e o horror convivem com a serenidade diante da morte, uma vez que autora acredita que a morte não é o fim. Assim, é possível, em meio ao sangue jorrando do pescoço degolado ver olhos “belamente fechados”. Definitivamente, a morte não é um receio para a autora, a morte está mais para uma irmã, ou melhor, uma comadre, como apresentado em “Campo-santo”, poema dedicado aos mortos que se encontram no Cemitério Municipal da Paz, subindo a Rua Goiás.

Francisco ainda será citado uma vez mais no poema “Hora do ângelus”, onde o eu-lírico aceita ficar grávida, contanto que o filho possa ser apelidado por esse nome. “Até grávida posso ficar, / se lhe aprouver um filho apelidado Francisco”. Entretanto, a publicação de *O Coração Disparado* é feita em 1978, enquanto seu último filho⁴⁸ nascera

⁴⁸ A poetisa teve cinco filhos com seu único marido, José Assunção de Freitas, são eles: Eugênio (nascido em 1959), Rubem (em 1961), Sarah (em 1962) – a quem está dedicado o poema “Esperando Sarinha”, Jordano (em 1963) e Ana Beatriz (em 1966).

em 1966, sendo que nenhum deles de fato se chamou Francisco. O que leva a hipótese: quem seria esse filho apelidado de Francisco se não o próprio franciscanismo gerado na alma do eu-lírico em sua relação com Jonathan?

Jonathan é a força masculina, o criador, Deus. A alma humana é aspecto feminino, é fecundada por Deus, e torna-se gestante de vida nova. Deus, Jonathan, continua da mesma maneira como estava antes da relação, somente a alma é transformada. (KREEFT, 2015). Não é em vão que o poema “Eh!” apresenta um eu-lírico que reclama de sua virgindade enquanto a dona Corina vai dormir com o seu Lula, vendo a Deus como esposo, citando assim um trecho da oração de Santa Bárbara: “fulgente margarita que com melodia agradável / segues ao Esposo Cordeiro”.

São Francisco volta a aparecer no poema “Regional”, neste poema, o eu-lírico se queixa da morte do papa Pio XII, que é sabido ter ocorrido numa quarta-feira, em 9 de outubro de 1958, alegando também que na mesma semana fora a festa de São Francisco de Assis, no dia 04 de outubro.

O sino da minha terra
ainda bate às primeiras sextas-feiras,
por devoção ao coração de Jesus.
Em que outro lugar do mundo isto acontece?
Em que outro Brasil se escrevem cartas assim:
o santo padre Pio XII deixou pra morrer logo hoje,
último dia das apurações.
Guardamos os foguetes.
Em respeito de sua santidade não soltamos.
Nós vamos indo do mesmo jeito,
não remamos, nem descemos da canoa.
Esta semana foi a festa de São Francisco,
fiz este canto imitado:
louvado sejas, meu Senhor,
pela flor da maria-preta,
por cujo odor e doçura
as formigas e abelhas endoidecem,
cuja forma humílima me atrai,
me instiga o pensamento
de que não preciso ser jovem nem bonita
para atrair os homens e o que neles
ferroa como nos zangões.
Meu estômago enjoa.
Há circunvoluções intestinas no país.

Queria que tudo estivesse bem.
Queria ficar noiva hoje
e ir sozinha com meu noivo
assistir a *Os Cangaceiros* no cinema.
Queria que nossa fé fosse como está escrito:
AQUELE QUE CRÊ VIVERÁ PARA SEMPRE.
Isto é tão espantoso
que me retiro para meditar.
Espero que ao leres esta
estejas gozando saúde,
felicidade e paz junto aos teus.

Assim como no prefácio de *Bagagem*, o eu-lírico parodia o *Cântico das Criaturas*. O eu-lírico louva a Deus pela sua criação, a flor de maria-preta, uma flor branca de uma erva daninha que dá pequeninos frutos negros que só deixam de ser tóxicos se estiverem bem maduros. As flores de maria-preta são muito comuns em várias partes do Brasil, especialmente no bioma do cerrado. O eu-lírico vê a beleza da flor que atrai insetos e contempla nela a humildade, uma vez que se trata de uma praga, uma planta rasteira que dá frutos aos montes sem que ninguém a plante. A autora vê que mesmo uma planta daninha dá seus frutos e afirma que também ela não precisa ser jovem nem bonita para atrair homens, comparando então o pênis masculino com o ferrão dos zangões. O eu-lírico segue então com seus sentimentos, mas já não fazendo referência a São Francisco de Assis.

Em “Folhinha”, o eu-lírico contempla um calendário vindo como brinde da revista paroquial organizada pelos frades da Paróquia do Divino Espírito Santo, trata-se do *Informativo Popular Coração de Jesus*. A participação da autora na vida paroquial de sua cidade é constante, como é declamado no já citado “Flores”: “Eu cumpro alegremente minhas obrigações paroquiais / e não canso de esperar;”.

A segunda parte do livro, “O Coração disparado e a Língua Seca”, com sete poemas, todos de tom erótico, possuem a religiosidade passando apenas como pano de fundo. É somente em “Moça na sua cama” que o eu-lírico fala do desejo de receber uma unção das mãos de um frei chamado Crisóstomo. “Não quero chá, minha mãe, / quero a mão do frei Crisóstomo / me unguindo com óleo santo”. A unção com óleos abençoados é uma prática comum na Bíblia e foi usada ao longo dos séculos no cristianismo, em especial na Igreja

Católica que a utilizou para consagrar reis, bispos, padres, templos, fiéis e moribundos. O óleo usado nos sacramentos devia ser exclusivamente o azeite de oliveira. Mas, devido à dificuldade de se conseguir a matéria-prima, o Papa Paulo VI permitiu a adoção de outro tipo de óleo, contanto que seja extraído de plantas, por ser mais semelhante à matéria designada na Sagrada Escritura. Existem três tipos de óleos: há os óleos abençoados, que são o dos Catecúmenos e dos Enfermos; e o óleo consagrado, o Santo Crisma. O Óleo dos Catecúmenos é utilizado no Sacramento do Batismo, quando é ungido o peito da pessoa que será batizada. Já o dos Enfermos é unguendo na fronte e nas mãos daqueles que estão doentes em perigo de vida. Por fim, o Óleo do Crisma é consagrado⁴⁹ durante a celebração, e exclusivamente pelo bispo, no Rito Romano. Além dessa distinção em relação aos outros dois, ele recebe durante a consagração a mistura do bálsamo, o que lhe confere um cheiro agradável, e também o sopro do bispo, como sinal do Espírito Santo. Esse óleo consagrado serve para ungir os recém batizados, aqueles que recebem o Sacramento da Crisma, os ministros ordenados (sendo os presbíteros nas mãos e os bispos na cabeça) e ainda os reis e altares de templos. O bálsamo misturado no óleo do Crisma é comumente oriundo, aqui no Brasil, de essências de ervas da Amazônia.

É simbólico que o eu-lírico peça para ser ungida pelo frei, e a compreensão dos tipos de unção ajudam na compreensão do poema. Enquanto o óleo dos catecúmenos serve apenas para abençoar os não-batizados e o óleo dos enfermos para aplicar a Unção dos Enfermos (chamada antes do Concílio Vaticano II de “Extrema-unção”), que não são nenhum dos casos da eu-lírico, o santo óleo do crisma serve para marcar consagração, isto é, pertença. A autora busca por uma paixão, pelos moços do movimento mariano ou os moços do quartel, ela quer ser entregue, pertencida, consagrada, marcada. Como já foi dito, os sete poemas que compõe essa parte possuem este traço erótico, sem demonstrar muitas referências franciscanas, exceto pelo frei Crisóstomo⁵⁰.

⁴⁹ Enquanto o óleo dos catecúmenos e o óleo dos enfermos é apenas abençoado, o óleo do Crisma é consagrado pelo bispo. A diferença é que na consagração, o que é mencionado pertence ao Senhor, significa que aquilo é de Deus, não somente tem a bênção de Deus, mas é realmente Dele.

⁵⁰ O adjetivo frei - cujo feminino é freira, não "fleira" - vem da abreviação de "frade", que por sua vez vem de "frater", que significa irmão. Ou seja, um frei é literalmente um irmão, e uma freira uma irmã. Essa designação é dada a um católico consagrado que pertence a uma ordem religiosa mendicante - como é o caso dos franciscanos - e que vive normalmente num convento.

A terceira parte do livro é “esta sede excessiva”, composta de treze poemas. Passando por alguns poemas, em “Porfia”, a autora estabelece mais uma vez sua relação de santidade para com a morte.

[...]
Cemitério é campo-santo, por isso tanto me atraí,
depois de repugnar.
Nem que insistam, olha onde estive seu pai:
uma lasca de tábua podre,
tiras de pano e poeira.
Transpôs, eu digo,
este silêncio é engano, é pura expectativa,
é o que mesmo sem guizos é esperança.
Eu sei do enterro, do lapso, da autópsia,
conheço o afogado, o cepo, a assinatura falsa.
Mas por que achais que os pêndulos oscilam?
Depois do féretro, o relógio bate,
alguém faz café, todos bebem.
Quisera lamuriar-me, erguer meus braços tentada
a pecar contra o Santo Espírito.
Mas a vida não deixa. E o discurso
acaba cheio de alegria.

A contemplação da própria morte, o *memento mori*, é uma prática comum no cristianismo ocidental, sobretudo após a popularização do costume através dos monges beneditinos a partir do século VI. A diferença para essa prática com a inovação proposta por São Francisco é que a morte não deveria apenas ser motivo de humildade – pois no fim o ser humano se tornará “uma lasca de tábua podre, / tiras de pano e poeira” –, mas também motivo de alegria. E é essa a percepção da autora, a autora não se desespera da salvação eterna (o que é pecar contra o Espírito Santo), mas declara: “Quisera lamuriar-me, erguer meus braços tentada / a pecar contra o Santo Espírito. / Mas a vida não deixa. E o discurso / acaba cheio de alegria”.

Em “Cinzas”, o eu-lírico declara que seu parto teve dores: “Tive filhos com dores”. O que retoma mais uma vez o dogma da Imaculada Conceição, no qual, por consequência, a Virgem Maria teve um parto sem dor. Nesse caso, o eu-lírico reconhece-se como pecador, ainda distante da santidade. No mesmo poema, a autora parafraseia trechos bíblicos e a oração da *Salve Rainha* (atribuída ao monge beneditino Hermano Contracto, autor também

do hino *Alma Redemptoris Mater*). No fim, o que o eu-lírico declara é “O que escrevi, escrevi / porque estava alegre”, ou seja, prevalece sua alegria franciscana, o poema é um cântico de alegria.

São Francisco conseguia ver o mundo de maneira entusiasmada e alegre, porque considerava todas as criaturas como irmãs. Essa forma de ver, uma cosmovisão franciscana, é a base para o *Cântico das Criaturas*. “[...] como verdadeiro poeta, ele conseguia livrar todas essas coisas do encanto que o pecado e a insensatez sobre elas pousara, revelando-as em sua beleza pura e original diante de nossos olhos.” (HESSE, 2019, p. 29). Adélia Prado atribui a Deus sua forma de ver poesia na realidade, isto é, a maneira subjetiva em que a poetisa vê o mundo, enxergando nas coisas banais muito além dos fatos em si. Entretanto essa “bênção”, não é sempre permanente para ela, uma vez que Deus parece retirar-lhe a inspiração poética:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.
O mundo, cheio de departamentos,
não é a bola bonita caminhando solta no espaço.
Eu fico feia, olhando espelhos com provocação,
batendo a escova com força nos cabelos,
sujeita à crença em presságios.
Viro péssima cristã.
[...]

Ao afirmar que se torna uma péssima cristã nesse poema, cujo título é “Paixão”, o eu-lírico evidencia que ver as coisas de maneira poética, o que aqui afirmamos ser a cosmovisão franciscana, é o modo de ser cristão, atribuindo assim tal característica para além do franciscanismo para toda cristandade. O que Otto Maria Carpeaux chamaria de “[...] a epopeia do cosmo cristão” (2018, p. 233).

Em “A falta que ama”, o eu-lírico estabelece um paralelo com o *Cântico das Criaturas*, afirmando que o girassol louva a Deus, e ainda o faz melhor do que o próprio eu-lírico. “Se pudesse entender: o Filho de Deus é homem. / Mais ainda: o Filho de Deus é verbo, / eu viraria estrela ou girassol. / O que só adora e não fala”. Tal afirmação coaduna com o impulso gerado por Francisco a convidar todas as criaturas a louvar a Deus por meio

de suas existências, suas leis e impulsos. “Não existe poema mais universal. Mas não pretende exaltar o Universo, e sim chama-lo à adoração.” (Ibidem).

A última parte de seu livro é “Tudo que eu sinto esbarra em Deus”, contando com vinte e dois poemas. Já no primeiro poema “Fluência”, o eu-lírico contrasta o ato de publicar um livro ao de possuir a inspiração poética, a cosmovisão franciscana que foi descrita anteriormente.

Eu fiz um livro, mas oh, meu Deus,
não perdi a poesia.
Hoje depois da festa,
quando me levantei para fazer café,
uma densa neblina acinzentava os pastos,
as casas, as pessoas com embrulho de pão.
O fio indesmanchável da vida tecia seu curso.
Persistindo, a necessidade dos relógios,
dos descongestionantes nasais.
Meu livro sobre a mesa contraponteava exato
com os pardais, os urinóis pela metade,
o antigo e intenso desejar de um verso.
O relógio bateu sem assustar os farelos sobre a mesa.
Como antes, graças a Deus.

A eu-lírico possui receio de que escrever um livro vá tirar dele o sentimento poético, pois acredita que a escrita, a publicação, a formalidade, vá contra a simplicidade na qual sua escrita foi feita. Tal receio e oposição de ideias vem justamente da cosmovisão cristã franciscana. Pois, no franciscanismo, “Quem pretende chegar ao cume da pobreza deve renunciar não somente à prudência segundo o mundo, mas também às letras e às ciências; assim despojado daquilo que ainda é uma forma de posse, proclamará o poder do Senhor e se oferecerá nu ao abraço do Crucificado.” (BOAVENTURA, 2016, p. 68).

E no que há erro na racionalidade? Seria a razão um pecado? São Francisco modificou toda a literatura ocidental, mas não era um homem de letras e “Durante toda a vida, manejou a pena com muito esforço e sem prazer.” (HESSE, 2019, p. 17). Não tendo aptidão intelectual, tampouco acreditava que essa poderia colaborar com o desapego que seus frades deveriam ter. A carta a Santo Antônio permitindo que os frades estudem é de validade incerta (LEGOFF, 2001). Para, São Francisco mesmo escrevera e também lera obras patrísticas, mas uma vida intelectual exigia bens: livros e papéis que eram escassos e,

portanto, caros. O que faz do poeta Francisco, dotado de uma incrível capacidade de memorização (HESSE, 2019), um paradoxo, pois Francisco apresenta: “No século das universidades, a recusa à ciência e aos livros, no século da cunhagem dos primeiros ducados, dos primeiros florins, dos primeiros escudos de ouro, o ódio visceral pelo dinheiro” (LE GOFF, 2001, p. 115).

Por isso, Adélia Prado teme que tornar-se o poeta cerebral de gabinete retire dela o olhar poético, mas ao contemplar o seu livro sobre a mesa e todo o cenário cotidiano de sua casa, sentiu a beleza poética daquele cotidiano, sabendo assim que continuava sendo quem ela sempre fora, não uma poetisa estilística, formalística, mas a poetisa do cotidiano. Isso fica mais evidente no poema “Sesta”, que é o poema seguinte, no qual o eu-lírico declara: “O poeta tem um chapéu, / um cinto de couro, / uma camisa de malha. / O poeta é um homem comum”.

É interessante notar como Adélia mantém sua simplicidade franciscana ao mesmo tempo em que elabora uma poesia totalmente metalinguística no qual o poeta torna-se, no poema, objeto de crítica, contrastando-o com o cenário cotidiano que, este sim, possui beleza poética e une-se ao eu-lírico na sacralidade cristã franciscana: “Repouso lá e cá, / um poder em círculos me dilata, / eu danço na mão de Deus. / Na hora do encantamento, / o reverso do verso dá sua luz: / ‘os bandolins e suas doces nádegas’, / um mistério santíssimo e inteligível”.

Em “Choro a capela”, a eu-lírico apresenta mais uma vez o louvor das criaturas ao criador e a típica visão alegre do mundo ligada ao fato de ser cristã:

Mas venho e vou,
os ‘lobos tristes’ a seu modo louvam.
Nasci vacum, berro meu
era só por montar, parir, a boa fome,
os júbilos ferozes.
As vacas velhas têm os olhos tristes?
Tristeza é o nome do castigo de Deus
e virar santo é reter a alegria.
Isto eu quero.

Ao afirmar que “virar santo é reter a alegria”, o eu-lírico vincula a santidade, o tornar-se santo, com o sentido de vida da humanidade. No poema “Entrevista” ela o declara

abertamente: “só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade”. Em uma lenda atribuída a São Francisco, e esse método de contar histórias foi bastante utilizado para falar do santo, ele discutia com Frei Leão, seu companheiro⁵¹, sobre o que seria a verdadeira alegria. Para Francisco, a alegria perfeita não seria ter grandes virtudes nem operar milagres nem ter o dom das línguas, mas chegar ao convento para o qual caminhavam no inverno, encharcados e com frio, e não serem reconhecidos e tratados como vagabundos serem escorraçados de lá. São Francisco entende, portanto, a alegria não como um sentimento passageiro, mas um estado de espírito no qual a alma se gloria no sofrimento, por sentir-se unida aos sofrimentos de Jesus Cristo. Assim como explicitado no poema “A Carne Simples”: “Quando era jovem / pedia cruz e ladrões pra guarnecer meus flancos.”, fazendo referência aos dois ladrões entre os quais Jesus foi crucificado. Por isso, a eu-lírico expõe que sua alegria é tão profunda e está diretamente atrelada à santidade. Santidade essa, inclusive, que a Igreja declara que todos os cristãos são chamados a alcançar. Por isso declara em “Impropérios”: “Quando eu tinha quinze anos minha mãe morreu. / Foi o sofrimento mais lindo, / a verde vida um pasto tão bonito, eu belamente urrei, / bezerra sem sua mãe, apenas”.

Adélia Prado entende – e deixa explícito em seus poemas – que esse estado de espírito, de perfeita alegria, permite com que todos os fatores do cotidiano sejam vistos como bons e agradáveis a Deus, inclusive o sexo. “A alegria de Francisco, como emerge do dito sobre a perfeita alegria, é uma alegria pascal que nasce do sentir-se ‘livre’ em Cristo e que não é sufocada pelas provas da vida.” (CONTI, 2004, p. 71). O sexo é, para a Igreja Católica e para autora, algo santo e maravilhoso, contando que seja o sexo heterossexual aberto a procriação (não necessariamente com fim procriativo, mas aberto para tal possibilidade, vista como dom de Deus). Por isso, a autora compõe “Entrevista”, na qual

⁵¹ Entre os franciscanos, havia o hábito de que realizassem suas jornadas de pregação (uma vez que Francisco os proibia de ter casas) sempre em duplas, o que ficou exposto até mesmo nos versos da Divina Comédia: “Em silêncio, a companhia má deixada, / Seguíamos, após um do outro andando, / Como frades menores em jornada.” (ALIGHIERI, 2009, p. 129 - *A Divina Comédia*, Inferno, XXIII, 1-3).

mostra sua visão que parece ir contra o que muitos pensam ser uma postura cristã que nada mais é que heresia puritana:

Um homem do mundo me perguntou:
o que você pensa de sexo?
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas
e esperava que eu dissesse maldição,
só porque antes lhe confiara: o destino do homem
[é a santidade.

A mulher que me perguntou cheia de ódio:
você raspa lá? perguntou sorrindo,
achando que assim melhor me assassinava.
Magníficos são o cálice e a vara que ele contém,
peludo ou não.
Santo, santo, santo é o amor, porque vem de Deus,
não porque uso luva ou navalha.
Que pode contra ele o excremento?
Mesmo a rosa, que pode a seu favor?
Se “cobre a multidão dos pecados e é benigno,
como a morte duro, como o inferno tenaz”,
descansa em teu amor, que bem estás.

A eu-lírico do poema acima entende o ato sexual como totalmente divino, mas sua opinião parece ir contra o senso comum, que acrescenta um tom de malícia ao fato. Para ela, a eu-lírico, o sexo é algo querido por Deus – que deu a ordem de crescimento e multiplicação no Gênesis – e é essa a marca de todo o erotismo da obra de Adélia Prado, sobretudo nos seus livros posteriores, onde surgirá a misteriosa figura de Jonathan, quando a autora terá mais influência do *Cântico dos Cânticos* e da mística carmelita do século XVI do que do franciscanismo expresso em seus dois primeiros livros analisados neste trabalho.

Ainda no poema “Choro a capela”, a eu-lírico expressa seu total desapego a ponto de estar disposta a entregar tudo, até mesmo seus membros – tudo, com exceção de sua vida que, dirá ela, pertence a Deus. “Por este grande dom troco meu verso, meu dedo, / meus anéis e colar. / Só meu colo não ponho no machado, / porque a vida não é minha. / Com um braço só, uma só perna, / ou sem os dois de cada um, vivo e canto”. Esse tamanho despreendimento que beira o exagero é muito típico do pensamento franciscano. São Francisco, por exemplo, chegou a dormir sentado para não ter o conforto de deitar e dormir,

já Santa Clara – a contraparte feminina de Francisco, fundadora da ala feminina da ordem – usava uma pedra como travesseiro. Aliás, o próprio Francisco “[...] só admitia à Ordem aquele que houvesse renunciado à propriedade e nada absolutamente retivesse para si.” (BOAVENTURA, 2016, p. 69).

Em “Impropérios”, a autora demonstra mais uma vez sua visão positiva da morte: “A morte veio e vem, mas se devem alçar os caixões / e com passo de marcha carregá-los, chorando sim, / mas como quem leva espigas para o campo”. E em “A poesia, a salvação e a vida II” o eu-lírico reafirma a “epopeia do cosmo cristão” (LEGOFF, 2018, p. 233), vendo poesia nas cores das calças de um transeunte:

Seo Raul tem uma calça azul-pavão
 e atravessa a rua de manhã
 pra dar risada com o vizinho.
 Negro bom.
 O azul da calça de seo Raul
 parece foi pintado por pintor;
 mais é uma cor que uma calça.
 Eu fico pensando:
 o que é que a calça azul de seo Raul
 tem que ver com o momento
 em que Pilatos decide a inscrição
 JESUS NAZARENUS REX JUDEORUM.
 Eu não sei o que é,
 mas sei que existe um grão de salvação
 escondido nas coisas deste mundo.
 Senão, como explicar:
 o rosto de Jesus tem manchas roxas,
 reluz o broche de bronze
 que prende as capas nos ombros dos soldados romanos.
 O raio fende o céu: amarelo-azul profundo.
 Os rostos ficam pálidos, a cor da terra,
 a cor do sangue pisado.
 De que cor eram os olhos do centurião convertido?
 A calça azul de seo Raul
 pra mim
 faz parte da Bíblia.

É curioso notar que o que a autora vê em comum entre as coisas cotidianas – no caso, as calças do Raul – e as passagens bíblicas são necessariamente as cores. É muito profundo que a Adélia Prado consiga observar uma cor e refletir sobre ela tão

profundamente E não deixa de ser curioso que sua reflexão a leve diretamente para o sofrimento de Jesus Cristo no Gólgota.

No poema “Fraternidade”, a autora faz referência a obra de Murilo Mendes, outro poeta no qual o sagrado e o profano dialogam intensamente. Já em “Apelação”, a eu-lírico lamenta que uma boca mentirosa, portanto pecadora, comungue da Eucaristia, que para os católicos se trata da própria carne de Jesus Cristo.

Mas é em “Oração” que a eu-lírico se desculpa com Deus por ter amado pouco:

Horizontina é gorda,
 mas é com desvelo que seus pais a amam,
 eles que só compram livros didáticos:
 ‘Já tomou seu leite, filhinha?’
 De que vale pagar o dízimo da menta e da arruda
 se meu coração não se desdobra?
 Já vi um homem sofrido ficar feliz de repente
 e puxar uma fumaça no pito
 como se visse no céu as trombetas da parusia,
 ele que não sabe dos místicos:
 “nem todo o que diz Senhor, Senhor,
 entrará no Reino”.
 Eu Vos peço perdão
 por ter amado mal.

Existe uma outra lenda medieval sobre São Francisco na qual o santo chorava e, ao ser interpelado por um camponês sobre o motivo, declarava que o Amor (isto é, Deus) não é amado, indignando-se de como conseguiriam os homens amarem-se uns aos outros, mas não amarem o Amor. Essa lenda inspirou, no imaginário franciscano, o desejo de que Deus deve ser amado, pois o mesmo está sendo amado pouco ou amado mal. No caso do poema acima, a eu-lírico lamenta não ter se esforçado o suficiente para ser digna de entrar no reino dos céus.

Em “O antigo e o novo testamento”, a eu-lírico louva a Deus que se manifesta tanto em terríveis relâmpagos quanto em simples flores: “louvado sejas, meu Senhor, pelo fragor e a luz, / bendito o que vem de Tua mão, morte ou vida. / Mais me colhe Teu amor que a força da tempestade. / Os elementos Te louvem em fúria ou calma. / Diga eu sim ao Teu chamado, / venha Tua voz do trovão / ou de entre as flores do prado”. E Adélia Prado segue fazendo referências ao sagrado, não necessariamente franciscanas, nos poemas

“Gregoriano”, “Três mulheres e uma quarta”, “O poder da oração” e “Instância”, mas é em “Graça” que a autora se expressa de maneira bastante franciscana:

O mundo é um jardim. Uma luz banha o mundo.
 A limpeza do ar, os verdes depois das chuvas,
 os campos vestindo a relva como o carneiro a sua lã,
 a dor sem fel: uma borboleta viva espetada.
 Acodem as gratas lembranças:
 moças descalças, vestidos esvoaçantes,
 tudo seivoso como a juventude,
 insidioso prazer sem objeto.
 Insisto no vício antigo — para me proteger do inesperado
 [gozo.
 E a mulher feia? E o homem crasso?
 Em vão. Estão todos nimbados como eu.
 A lata vazia, o estrume, o leproso no seu cavalo
 estão resplandecentes. Nas nuvens tem um rei, um reino,
 um bobo com seus berloques, um príncipe. Eu passeio
 [nelas,
 é sólido. O que não vejo, existindo mais que a carne.
 Esta tarde inesquecível Deus me deu. Limpou meus olhos
 [e vi:
 como o céu, o mundo verdadeiro é pastoril.

O clima bucólico apresenta uma segurança que serve perfeitamente como descrição do céu. O motivo é porque o espaço urbano apresenta a violência (IGNÁCIO, 2010), enquanto o espaço campestre traz tranquilidade e a ausência do medo/insegurança. O espaço urbano de Adélia Prado, ao menos, ainda é revestido da tranquilidade interiorana, mesmo assim, ela imagina o céu como uma pradaria. Essa dinâmica, campo-cidade é imensamente realizada no movimento franciscano. “Francisco busca a alternância entre a ação urbana e o retiro eremítico, a grande respiração entre o apostolado no meio dos homens e a regeneração na e pela solidão. A essa sociedade que se imobiliza, que se instala, ele propõe a estrada, a peregrinação.” (LE GOFF, 2001, p. 37).

Em “Um bom motivo”, Adélia Prado faz uma elegia à morte de Getúlio Vargas, esse é talvez seu poema mais engajado socialmente. É digno de menção que o poema utiliza o termo “Terra de Santa Cruz” que será o título do seu próximo livro, publicado em 1981.

No último poema do livro, “Atalho”, a eu-lírico se nomeia “Luzia”, ela vaga pela floresta/pastos e justifica a existências de eremitérios, o que corrobora para citação de Le

Goff feita acima. Luzia é chamada por Deus a estudar Santo Tomás de Aquino, e tem medo. É curiosa a citação de Santo Tomás no último poema do último livro de clara referência franciscana de Adélia Prado. Pois é comum haver uma oposição entre a filosofia tomista e a filosofia franciscana, esta última de raiz agostiniana, mas todas duas igualmente escolásticas.

Vários autores exploraram essa rivalidade de ideias, opondo os dois fundadores – São Francisco de Assis, da Ordem dos Frades Menores e São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Pregadores – assim como seus grandes teólogos – São Boaventura, franciscano, e Santo Tomás de Aquino, dominicano. Essa rivalidade esteve presente na discussão do dogma mariano da Imaculada Conceição (tema que Adélia abordou no primeiro poema de *Bagagem*) quanto na lenda de que Tomás e Boaventura fizeram uma competição para ver qual compunha o melhor hino para festa de *Corpus Christi*. Resolvendo o conflito, Dante Alighieri apresenta, na *Divina Comédia*, São Boaventura louvando a vida santa de São Domingos e, por sua vez, Santo Tomás louvando a vida e exemplo de São Francisco de Assis. G. K. Chesterton também combina a imagem desses dois rivais (como será demonstrado adiante), mostrando assim que por mais que seus ideais não se batam, ambos são irmãos no mesmo Cristo, na mesma fé.

Ao se passar pelos poemas de *Bagagem* e *O Coração Disparado* um a um, é possível observar um conjunto de temáticas que se repetem. Retirando a orfandade e o erotismo sacro, marcas pessoais da autora, é possível estabelecer um conjunto de temas comuns que podem ser chamados, como aponta Le Goff (2001) de um vocabulário franciscano. O vocabulário de Adélia Prado pode ser resumido como um estilo que dialoga bastante com a liturgia católica e com o *Cântico do irmão Sol* utilizando como temática a alegria, a humildade, a pobreza e a morte, apresentando ainda uma devoção não só aos santos franciscanos, como às devoções franciscanas da Virgem imaculada, das cinco chagas de Cristo crucificado e a pneumatologia espiritualista. Figuras comuns em sua obra são a mulher, a criança, a natureza e o fúnebre. Ainda é possível notar o desprezo pelo intelectualismo e um amor cortesão aos moldes trovadorescos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Francisco de Assis foi uma figura ímpar na história não só da Igreja Católica como de toda a humanidade, nunca existiu, nem nunca existirá alguém que tenha vivido como ele. Sua humildade e seu desprendimento dos bens materiais fizeram de toda a sua vida uma poesia, para não dizer uma oração. Seu legado⁵² é, portanto, algo colossal.

Apesar de ter escrito pouco, São Francisco remodelou a cultura de sua época, sua sugestão de modo de vida, que mais tarde se tornou uma Ordem com o próprio santo a liderando ainda em vida, atraiu a muitos que, por sua vez, também mudaram o mundo de maneira significativa. E mais, São Francisco não é só um fundador de uma Ordem como São Domingos de Gusmão ou São Bento de Núrsia, mas sua personalidade foi tão marcante que ele se eternizou no imaginário ocidental com todo um repertório de simbologias que formam um vocabulário próprio.

Foi por isso que, ao longo dos séculos, incontáveis pessoas o amaram e o veneraram, sua imagem e a história de sua vida foram mil vezes representadas, contadas, cantadas e esculpidas por artistas, poetas e estudiosos, como nenhuma imagem ou nenhum feito de príncipes e poderosos, e seu nome e sua reputação chegaram aos nossos tempos como um cântico da vida e consolo divino, e o que ele disse e fez ressoa hoje com tanto vigor como em sua época, há setecentos anos. (HESSE, 2019, p. 29).

Francisco era um homem de grandiosa humildade, por não se ter em alta conta. “Aos próprios olhos, era apenas um pobre pecador.” (BOAVENTURA, 2016, p. 57). Essa visão pessimista de si, porém, não o levava ao pessimismo em relação a tudo, mas fazia com que buscasse uma vida de ascese, repleta de penitências e mortificação. Entre os vários componentes de sua prática ascética, o completo desapego dos bens materiais é, sem dúvidas, a sua característica mais marcante. São Francisco não tinha nada que lhe pertencesse, nem roupas, nem teto sob o qual repousar, nem nada. Sua miséria foi tamanha

⁵² “De fato, o Pobre de Assis concebera, desde a origem, um projeto de evangelização na escala do universo, fundado sobre a pregação itinerante, que não seria embaraçado por estruturas imperativas.” (VAUCHEZ, 1995, p. 129).

a ponto de cunhar a expressão “pobreza franciscana”. Uma vida exigente que fascina tantos (VAUCHEZ, 1995, p. 130).

Apesar de todas as abnegações, Francisco era uma pessoa extremamente feliz, sua personalidade era tão leve que ele conseguia atrair milhares, enquanto outros mil o tinham por tolo. Divertido como era, Francisco agitou o traço masoquista deprimente que havia no cristianismo e propôs uma renúncia alegre e bem-humorada, como se fossem todos artistas de circo – palhaços e pelotiqueiros – que se alegram em Jesus Cristo. “A palavra de ordem de Francisco é *paupertas cum laetitia* (*Admonições*, XXVII, 3): pobreza com alegria.” (LE GOFF, 2001, p. 229).

Ainda sobre Jesus Cristo, Francisco O amava tanto que buscou ao máximo identificar-se com Ele. “Tomando e dando como modelo o próprio Cristo e não mais seus apóstolos, ele comprometeu o cristianismo com uma imitação do Deus-Homem que voltou a dar ao humanismo as ambições mais altas, um horizonte infinito.” (Ibid, p. 113-114). E tanto buscou que chegou a imitá-lo de maneira mais extrema, quase que se estabelecendo como um segundo Cristo, ou o mesmo Cristo. Por isso, o santo atingiu um patamar que, como foi afirmado, ninguém jamais atingirá de novo na história da humanidade. “Semelhante humildade era mais admirável do que imitável.” (BOAVENTURA, 2016, p. 59).

Ao buscar se identificar com Jesus Cristo, São Francisco de Assis se viu como filho pecador de Deus Pai e enxergou em toda a criação, irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai. Essa visão, para além de uma “ecologia franciscana”, leva a uma contemplação amável da natureza e do mundo, não separando a espiritualidade da materialidade, como fazem as doutrinas budistas e védicas (e nem, em sentido contrário, às marxistas e empiristas).

Francisco vivia em Assis, em um momento em que a Itália e toda Europa passavam por uma prosperidade e um desenvolvimento financeiro. Era a época da cunhagem dos primeiros ducados. A estrutura da sociedade pedia uma mudança na estrutura da Igreja. “Com o florescimento das cidades livres e da cultura burguesa urbana, nasceram novas fortes demandas, para as quais a Igreja não conseguia dar resposta” (HESSE, 2019, p. 63). As pessoas, a maioria delas, não mais viviam nos campos dos territórios das abadias, mas nos centros urbanos. “Francisco é o menino da cidade, um filho de comerciante, sua

primeira área de apostolado é a área urbana, mas à cidade ele quer levar o sentido da pobreza em face do dinheiro e dos ricos, a paz em vez daquelas lutas intestinas que conheceu em Assis, entre Assis e Perúcia.” (LE GOFF, 2001, p. 37). Francisco vai ao encontro das pessoas nas cidades, no ambiente delas, diferente da postura monástica onde o povo ia até os monges que viviam em suas clausuras recolhidos em oração e meditação.

O movimento franciscano iniciado por São Francisco também causou, junto das demais ordens mendicantes, uma renovação da ação social e caritativa da Igreja. “Franciscanos e outros Mendicantes desempenham um grande papel no sentido de pôr em condições e na prática do novo sistema de beneficência: *as obras de misericórdia*. Os Franciscanos se interessam mais particularmente pelos pobres e pelos doentes.” (LE GOFF, 2001, p. 212, grifos do autor). Pois Francisco desfaz qualquer divisão de classes na sociedade. “Francisco une os dois grupos opostos dos pobres e dos ricos (*paupera-divites*) e *sobretudo* (é visivelmente aos olhos dos biógrafos uma grande divisão social) dos nobres e dos não-nobres (*nobiles-ignobiles*).” (Ibid, p. 151, grifos do autor). Para Francisco, todos os homens, as mulheres e as crianças são irmãos amados, criando assim o humanismo que se desenvolverá nos próximos séculos.

Francisco passou a fazer pregações ao povo, e essas pregações estavam repletas de citações de passagens bíblicas. Francisco recebera educação formal quando jovem e, após sua conversão, leu a Bíblia, especialmente os Evangelhos, com afinco. Dotado de uma memória extraordinária: “[...] tudo que sua inteligência captava sua memória retinha tenazmente” (BOAVENTURA, 2016, p. 107). Suas pregações chamaram a atenção de todo tipo de gente, ricos e pobres, homens e mulheres, letrados e parvos, clérigos e leigos, pois não era uma pregação vazia, mas um discurso que, visivelmente, o santo praticava com ardor. “[...] não pregava nada que ele próprio não pudesse cumprir diariamente, embasando e apoiando a doutrina no exemplo.” (HESSE, 2019, p. 69).

Por meio de suas pregações, Francisco passa a valorizar as Escrituras também no meio popular. E o que antes estava mais na cultura dos mosteiros do que do povo comum (não porque era proibida, mas por não ser valorizada, pois as pessoas preferiam apenas os sacramentos), passa a ser exposto a eles. “Francisco chega a situar as palavras de Jesus no

mesmo plano que seu corpo e seu sangue. Há, portanto, uma teologia franciscana da palavra.” (LE GOFF, 2001, p. 219).

Mas Francisco não era um ativista, sua pregação nas cidades eram apenas parte da dupla via que os franciscanos iriam trilhar. O santo sabia que travava uma batalha espiritual e esse era seu foco. “[...] iluminado por uma revelação divina, sentiu que era enviado por Deus para conquistar para Cristo as almas que o demônio estava tentando roubar.” (BOAVENTURA, 2016, p. 38). Não tendo onde morar, Francisco vagava, indo até os grandes centros urbanos realizar suas pregações, aos subúrbios afastados (como o caso dos leprosos) fazer obras de misericórdia e, por fim, recolher-se na solidão onde se preenchia novamente de sua espiritualidade e comunhão com o Cristo, por meio de orações, mortificações e penitências. “O espaço de Francisco e dos primeiros franciscanos é em primeiro lugar a respiração, a alternância cidade/solidão, conventos/eremitérios” (LE GOFF, 2001, p. 188).

É claro, ao legado de São Francisco foram anexadas várias coisas que condizem ou não condizem com o pensamento do *Poverello*: a estética cortês e trovadoresca dos poetas medievais, a teologia escolástica platônica de Boaventura, a mística franciscana (também de Boaventura), a heresia espiritualista de Joaquim de Fiore e opção preferencial pelos pobres⁵³ da Teologia da Libertação.

Nesse grande legado franciscano, com todos seus anexos, Adélia Prado é influenciada em sua poesia. Primeiro, em *Bagagem*, publicado em 1975, e depois em *O*

⁵³ Apesar de se utilizar o termo “opção preferencial pelos pobres”, o que se percebe de fato é uma preferência exclusiva pelos pobres, instaurando a luta de classes no cerne da teologia salvífica – uma postura totalmente díspar do movimento de abolição das classes na sociedade instaurada por Francisco (LE GOFF, 2001). O que iria contra a mensagem de que Cristo derramou seu sangue por todos. “A Igreja não é a Igreja de um grupo, de uma casta, de uma classe, mas a universalidade que cabe a todos, pobres e ricos também” (COSTA, 2020, p. 194). A opção exclusiva pelos pobres está relacionada não a obras de misericórdia, ou ainda uma pregação contra o apego aos bens materiais, mas a uma politização da Igreja, reduzindo-a apenas a isso. Cessa-se a busca por identificar-se com Cristo e resta apenas uma busca de conscientização da classe oprimida para que lute contra seu opressor. “[...] a teologia da libertação pretende dar nova interpretação global do Cristianismo; explica o Cristianismo como uma práxis de libertação e pretende constituir-se, ela mesma, um guia para tal práxis. Mas assim como, segundo essa teologia, toda realidade é política, também a libertação é um conceito político e o guia rumo à libertação deve ser um guia para a ação política.” (RATZINGER *In*: AQUINO, 2003, p. 11).

Coração Disparado, em 1978. Quando Adélia publica *Terra de Santa Cruz*, em 1981, já não é possível ver traços tão delineados da influência franciscana. A autora publicou, três anos depois, *Os componentes da banda*, obra em prosa (antes, ela tinha publicado, também em prosa, *Soltem os cachorros*, em 1979, e ainda *Cacos para um vitral*, em 1980).

A autora publica, em 1987, seu livro de poesias *O Pelicano*, e em 1988, seu livro, também de poesias, *A faca no peito*. Após passar por seu período de depressão de 1987 a 1994, ou como ela diz, seu deserto espiritual, a autora publica a prosa *O homem da mão seca*, ainda em 1994; *Os manuscritos de Felipa*, em 1999; *Quero minha mãe*, em 2005; e *Carmela vai à escola*, em 2011. Quanto à sua poesia, a autora – após a publicação de *Terra de Santa Cruz*, em 1981 – lança um novo livro apenas em 1999, seu livro *Oráculos de Maio*. A autora também publica *A duração do dia*, em 2010; *Louvação de uma cor (?)*; e *Miserere*, em 2013.

Em seus dois primeiros livros de poesia: *Bagagem* (1975) e *O Coração Disparado* (1978), a autora apresenta forte traço franciscano em sua poética, como evidenciado neste trabalho. Já no livro *Terra de Santa Cruz* (1981), não é perceptível o franciscanismo, apenas seu catolicismo. Nos livros seguintes: *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de maio* (1999) e *Louvação para uma cor (?)*, a autora traz uma forte influência da mística carmelita espanhola, chegando a fazer citações de obras de *São João da Cruz* e dialogar com o *Cântico dos Cânticos* tal como fez esse místico. E em *A duração do dia* (2010) e *Miserere* (2013), há elementos até mesmo bizantinos. Ao que se pode concluir que a autora foi paulatinamente se afastando da tradição franciscana e buscando novos elementos para nutrir sua fé, na medida em que também vai passando a se tornar mais conservadora. Porém, convém que essa temática seja discutida em análises mais atentas em outros trabalhos posteriores.

Nas obras analisadas neste trabalho, Adélia Prado traz uma forte carga franciscana e compõe seu vocabulário franciscano com o *Cântico das Criaturas*, uma valorização da natureza e do cenário interiorano e cerratense, a presença de animais como objeto poético, um diálogo com textos litúrgicos de origem franciscana, uma visão otimista da morte, um postura ativa do laicato, devoção à Virgem Maria, ao Menino Jesus, às cinco chagas de Jesus

Cristo, ao Divino Espírito Santo e aos santos franciscanos (São Francisco e Santo Antônio), uma sacralização do cotidiano, uma concepção salvífica da poesia, a valorização da mulher e da criança, a alegria, o reconhecimento de Deus como um Pai bondoso e o amor cortês em estilo de trova.

E o mais importante: seus textos transmitem essa alegria.

A lírica de Adélia Prado foi elogiada por Carlos Drummond de Andrade, o poeta se expressou dizendo “faz poesia como faz bom tempo” (*in*: PRADO, 2017). Adélia não foi só apadrinhada pelo maior poeta brasileiro, ela foi influenciada por ele, mas, mesmo assim, a autora possui uma grande diferença dos versos cotidianos de Drummond: sua alegria. No poema “Toada”, a eu-lírico diz: “Cantiga triste, pode com ela / é quem não perdeu a alegria” (*ibid*, p. 47). Os versos de Adélia fazem como bom tempo, porque a visão da realidade de Adélia, sua cosmovisão, enxerga o mundo como bom e de Deus, então se enche de alegria. Essa é a cosmovisão franciscana.

Em seu poema “Cinzas”, a autora expressa um pouco dessa alegria proveniente de uma cosmovisão franciscana:

No dia do meu casamento eu fiquei muito aflita.
Tomamos cerveja quente com empadas de capa grossa.
Tive filhos com dores.
Ontem, imprecisamente às nove e meia da noite,
eu tirava da bolsa um quilo de feijão.
Não luto mais daquele modo histérico,
entendi que tudo é pó que sobre tudo pousa e recobre
e a seu modo pacífica.
As laranjas freudianamente me remetem a uma fatia de sonho.
Meu apetite se aguça, estralo as juntas de boa paciência.
Quem somos nós entre o laxante e o sonífero?
Haverá sempre uma nesga de poeira sob as camas,
um copo mal lavado. Mas que importa?
Que importam as cinzas,
se há convertidos em sua matéria ingrata,
até olhos que sobre mim estremeceram de amor?
Este vale é de lágrimas.
Se disser de outra forma, mentirei.
Hoje parece maio, um dia esplêndido,
os que vamos morrer iremos aos mercados.
O que há neste exílio que nos move?
Digam-no os legumes sobraçados

e esta elegia.
O que escrevi, escrevi
porque estava alegre.

(Ibid, p. 141-142).

Nesse poema, a eu-lírico recorda os momentos mais decisivos de sua vida, e, após realizar uma atividade banal, ela passa a refletir sobre a brevidade da vida. Suas reflexões sobre o que é a vida vão se intensificando e ela conclui que o homem nada é, apenas alguém que defeca e dorme. Devido a isso, ela conclui que uma ou outra falha não importam, pois tudo findará. Adélia admite sinceramente que há mal no mundo, e que o sofrimento o faz – fazendo referência a oração da Salve Rainha – um vale de lágrimas (ou seja, a autora não é uma otimista). A autora poderia ter cessado até então, tornando seus versos uma reflexão búdica de total ataraxia. Mas então ela declara que o dia está bom, e que elas e todos os demais continuarão com sua vida banal. Ela diz não saber o motivo de tudo seguir tranquilamente ignorando o inadiável fim, mas mente, pois, afirma em seguida, que os legumes do mercado – isto é, o cotidiano – e a própria elegia escrita darão a resposta, e a resposta é: alegria.

A cosmovisão franciscana está pautada em reconhecer que tudo é passageiro e não convém apegar-se em nada, essa visão da finitude não leva a um desprezo do que é passageiro, mas a um amor desapegado, e, por conclusão, a um grandioso consolo ante a face da morte (a irmã morte), sem receios, a alma é tomada de alegria. Esse é, portanto, o cerne da vida de São Francisco de Assis, e o que foi carregado por vários santos, doutos e poetas ao longo dos séculos.

Mas nem toda a bibliografia de Adélia Prado foi analisada, muitos estudos podem ser feitos ainda com a extensa lista de publicações dela. Além disso, muitos estudos podem ser feitos sobre a cosmovisão franciscana em outros autores e, além disso, há uma infinidade de combinações de autores diferentes para se comparar e cada comparação levará a uma percepção de um aspecto diferente dos autores comparados.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Felipe (org.). **Teologia da Libertação**. 2. ed. Lorena: Cléofas, 2003.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica: I Parte - Questões 1 - 43**. 1. vol. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- AT, Antônio. **História de Santo Antônio de Pádua**. Dois Irmãos: Minha biblioteca católica, 2018.
- BÍBLIA SAGRADA**. 207. ed. São Paulo: Ave Maria, 2015.
- BOAVENTURA. **Legenda Maior: Vida de São Francisco de Assis**. São Caetano do Sul: Santa Cruz Editora e Livraria, 2016.
- _____. **Saltério da Virgem**. Dois Irmãos: Minha biblioteca católica, 2020.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. vol. 1. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2018.
- CELANO, Tomás de. **Vida de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes; Brasília: Conferência da Família Franciscana do Brasil, 2018.
- CONTI, Martino. **Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- COSTA, Françoá. **Jesus Cristo, o único salvador: Cristologia-Soteriologia**. 2. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.
- FRANCISCO. **Escritos completos de São Francisco**. Dois Irmãos: Minha biblioteca católica, 2021.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- HESSE, Herman. **Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média: Estudo sobre as formas de vida e de pensamentos dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos**. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2021.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira**. Anápolis: Editora da UEG, 2010.
- KREEFT, Peter. **Três filosofias de vida**. São Paulo: Quadrante, 2015.
- LACORDAIRE, Henri Dominique. **Vida de São Domingos**. Dois Irmãos: Minha biblioteca católica, 2019.

LE GOFF, Jacques. **A Idade Média e o dinheiro**: ensaio de antropologia histórica. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Fernando Félix. **Livro dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa**. Braga: Editorial Franciscana, 1996.

NEIVA-JÚNIOR, C. A. O. “A ética da terra dos elfos: a compreensão do homem e da realidade segundo G. K. Chesterton”. *in*: **Revista De Magistro de Filosofia**, Anápolis, ano XII, nº 27, p. 12-33, 2019/2. Disponível em: <https://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2019/09/a-%C3%A9tica-da-terra-dos-elfos-.pdf>

PERNOUD, Régine. **O que não nos ensinaram**. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. **Solte os cachorros**. São Paulo: Siciliano, 1991.

RATZINGER, Joseph. **A infância de Jesus**. São Paulo: Planeta, 2012.

RUNCIMAN, Steven. **Historia de las Cruzadas**: el Reino de Jerusalén y el Oriente Franco. vol. II. Madrid: Alianza, 2002.

SOARES, Angélica. **(Ex)ensões**: Adélia Prado, Helena Parente Cunha e Lya Luft em prosa e verso. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval**: uma introdução. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

TEIXEIRA, Celso Márcio (org.). **Escritos de São Francisco**. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: CFFB, 2013.

TORREL, Jean-Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**: sua pessoa e sua obra. São Paulo: Loyola, 1999.

VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**: século VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

WEIDENKOPF, Steve. **A glória das cruzadas**. Dois irmãos: Minha biblioteca católica, 2022.